

UFRRJ

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO/ INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR

**CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES**

DISSERTAÇÃO

**MULHERES NEGRAS PROFESSORAS DOUTORAS INSERIDAS NOS
CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E RELAÇÕES
RACIAIS: UM OLHAR SOBRE O RACISMO INSTITUCIONAL**

TATIANE DA CONCEIÇÃO CARNEIRO

2019



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO,
CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES**

**MULHERES NEGRAS PROFESSORAS DOUTORAS INSERIDAS NOS
CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E RELAÇÕES
RACIAIS: UM OLHAR SOBRE O RACISMO INSTITUCIONAL**

TATIANE DA CONCEIÇÃO CARNEIRO

Sob a Orientação da Professora
Joselina da Silva

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Educação**, no Curso de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, Área de Concentração em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares.

Seropédica/Nova Iguaçu, RJ
Agosto de 2019

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

C289m Carneiro, Tatiane da Conceição, 1980-
Mulheres negras professoras doutoras inseridas nos
cursos de pós-graduação em Educação e Relações Raciais:
um olhar sobre o racismo institucional / Tatiane da
Conceição Carneiro. - Seropédica; Nova Iguaçu, 2019.
98 f.: il.

Orientador: Joselina da Silva.
Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em
Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas
Populares, 2019.

1. Racismo. 2. Mulheres negras. 3. Educação. I.
Silva, Joselina da, 1955-, orient. II Universidade
Federal Rural do Rio de Janeiro. Programa de Pós
graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e
Demandas Populares III. Título.

"O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001"

"This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001"

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS E
DEMANDAS POPULARES

TATIANE DA CONCEIÇÃO CARNEIRO

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestra em Educação**, no Curso de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, área de Concentração em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 16/08/2019.

Joselina da Silva. Dra. UFRRJ
(Orientadora)

Amauri Mendes Pereira. Dr. UFRRJ

Maria Simone Euclides. Dra. UFPI

Jaqueline Gomes de Jesus. Dra. IFRJ

AGRADECIMENTOS

A concepção, concretização e finalização deste trabalho contou com a ajuda direta e indireta de muitas pessoas queridas. Tais pessoas, talvez, nem saibam o quanto foram importantes. Mais do que isso, algumas delas foram fundamentais para que esse trabalho se tornasse concreto.

Algumas deram seu incentivo confiante, outras o apoio afetivo. Algumas, as condições estruturais para viabilizá-lo, outras, ainda, a orientação e a indicação dos caminhos. Deste modo, talvez não consiga nomear todos aqueles queridos amigos, que me acompanharam em toda essa jornada.

De todo modo, é impossível não destacar estas pessoas por quem serei eternamente grata: minha orientadora, Prof^ª. Dra. Joselina da Silva, que me proporcionou essa oportunidade, e me acompanhou, com solidariedade, em todos os momentos, até a finalização deste trabalho. Professora. sem sua competência, ajuda e empenho, ele não teria acontecido.

Aos Professores Doutores que compõem a banca: Prof. Dr. Amauri Pereira Mendes, que, com suas sugestões de extrema importância, em minha qualificação, para os rumos que este trabalho tomou. Prof^ª. Dra. Jaqueline de Jesus, por quem tenho imenso carinho e admiração. E Prof^ª. Dra. Simone Euclides, que, enquanto mulher negra, tornou-se referência para esta dissertação. Aos funcionários da UFRRJ, que sempre foram gentis e atentos às nossas demandas e solicitações.

Imensa gratidão às minhas entrevistadas, pela generosidade de dedicarem horas de seu tempo, para me fornecer seus depoimentos. Sem eles, este trabalho não teria sido realizado. Aos muitos Professores Doutores da UFRRJ, com os quais partilhei projetos, sonhos, angústias, medos, conhecimentos e amizade. À Prof^ª. Dra. Marília Professora de educação no campo, amiga querida, que sempre me incentivou e faz parte dessa vitória, e ao Prof. Dr. Renato Nogueira, pela confiança em mim depositada desde a graduação.

Às professoras Doutoradas entrevistadas, por terem aceitado participar desse trabalho, com seus depoimentos, me oportunizando a realização deste escrito.

Às queridas: Prof^ª. Kátia Reis e Prof^ª. Cristiane Rodrigues, grandes amigas e estimuladoras, que me apoiaram, desde o início, para que eu fosse em frente neste projeto.

Agradeço à Prof^ª. Aline Calazans, à Prof^ª. Amanda Almeida, à Prof^ª. Vanessa Monteiro, à Ana Carolina Garrido, à Débora e à Virginia Trindade, por terem me colocado nesse caminho, juntamente a tantos outros professores e amigos, por quem muito devo e serei sempre agradecida.

As minhas amigas, Aline Cristine, Elisabete Gomes, Elizete Gomes, que, desde a infância, estão ao meu lado, às quais devo todo amor, respeito e amizade, sabendo que, se cheguei até aqui, foi porque estive sempre acompanhada de vocês.

Aos muitos amigos que fiz durante o curso de mestrado, às queridas Maiza e Bianca Cristina, entre outros: obrigada pelo carinho.

Agradeço às minhas queridas Ana Paula Callado, Alexandra Carvalho, Juliana Fraga Faustino, Cristiane Pereira, entre outras queridas amigas, que fiz durante a graduação, que não me deixaram desistir.

À querida Prof^ª. Dra. Gabriela Rizzo, que me orientou na minha graduação, permitindo que chegasse aqui. Querida amiga, pela pronta ajuda, meu muito obrigada.

Aos queridos amigos e companheiros da Soka Gakkai Internacional, pelo apoio inestimável.

Ao mestre da vida é Ilustríssimo senhor Dr. Daisaku Ikeda, Presidente da Soka Gakkai Internacional, por todos os incentivos e orientações, que me tornaram um ser humano que sou hoje.

As minhas queridas mães do kossen-rufu, Maria Cristina da Conceição e Juraci Melquiades, que, como uma família emprestada, me acolheram desde a infância, me apoiando em todos os momentos, bons e ruins vivenciados até aqui.

Aos meus irmãos Antônio Augusto Carneiro e Damiana Regina Ribeiro: minha eterna gratidão, por ter vocês ao meu lado, dia após dia. A minha existência só é plena, porque tenho vocês comigo.

Ao meus sobrinhos Jonathan, Ana Claudia, Cleiton, Isabel, Matheus, Enzo, Josiney, Alan, Edison, Jorge Antonio, Yvina Gomes e Juan Gomes a vocês que são filhos do coração: o meu muito obrigada, por existirem em nossas vidas. Aqui fica a enorme gratidão.

À memória de minha amiga Cássia Cristina Batista, que nos deixou de forma tão prematura e que sempre expressou seu orgulho por ter uma amiga tão estudiosa.

Ao pai da minha filha Thiago da Cunha Manso, que, durante esse período, muitas vezes esteve ao meu lado, cuidando da nossa filha e me deixando tranquila para estudar. A você minha gratidão.

A minha mãe Damiana da Conceição e à memória de meu pai Antonio Augusto Carneiro, por me permitirem nascer, por cuidarem de mim, mesmo diante de todas as dificuldades que passamos, por me orientarem pela vida, até que me tornasse a mulher que sou hoje, pela compreensão de sempre, carinho incondicional e torcida constante: meu muito obrigada. A vocês, também, todo meu amor e admiração.

Meu agradecimento especial à Cátia Cristina Batista e Jeane Gomes, minhas amigas e parceiras queridas, que acompanharam de perto, durante todo esse processo, dando-me o apoio necessário para que eu prosseguisse. Amigas, esse trabalho também é de vocês.

A minha filha, Maria Eduarda Carneiro, a maior incentivadora. A você, meu amor eterno.

A todos: obrigada, do fundo do meu coração.

“Ah, se o mundo inteiro me pudesse ouvir

Tenho muito pra falar

Dizer que aprendi”

(Tim Maia, 1970)

RESUMO

CARNEIRO, Tatiane da Conceição. **Mulheres negras professoras doutoras inseridas nos cursos de pós-graduação em Educação e Relações Raciais: um olhar sobre o racismo institucional**. 2019. 98 p. Dissertação (Mestrado em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares). Instituto de Educação/Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, RJ, 2019.

O acesso a educação sempre foi uma necessidade do movimento negro no Brasil e uma batalha por uma sociedade mais igualitária e justa. Essa incessante luta e permanente mobilização resultou em um desejo de que mais mulheres negras tenham acesso ao ambiente universitário, buscando ascensão na carreira social e profissional. Esse trabalho trás uma reflexão de que mulheres negras devem buscar a realização dos seus sonhos. O objetivo desse estudo é destacar a trajetória e a relevância que as mulheres negras têm trazido para o campo das pesquisas. A proposta é investigar o perfil de quatro delas, que possuem doutorado e são docentes inseridas nos cursos de pós-graduação em Educação e em Relações Raciais nas universidades públicas do Rio de Janeiro. Portanto, essa pesquisa objetiva entender a dinâmica do racismo, no âmbito institucional público, e quais desafios são encontrados por docentes negras no desempenho de seu ofício.

Palavras-chave: Professoras. Doutoradas. Universidades. Relações raciais.

ABSTRACT

CARNEIRO, Tatiane da Conceição. **Blak women doctoral teachers inserted in postgraduate courses in education and racial relations : A look at institutional racism.** 2019. 98 p. Dissertation (Master in Education, Contemporary Contexts and Popular Demands). Institute of Education / Multidisciplinary Institute, Federal Rural University of Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, RJ, 2019.

The access to education has always been a demand of black movements in Brazil and a battle for a more egalitarian and just society. This incessant struggle and permanent mobilization resulted in the desire of several black women to access the university environment, seeking in the teaching career social and professional ascension. This work brings a reflection that more and more black women must to go in search of the fulfillment of their dreams. The objective of this study is to highlight the trajectory and relevance that black women have brought to the field of research. The proposal is to investigate the profile of four of them who have a doctorate and are teachers inserted in postgraduate courses in education and race relations in public universities of Rio de Janeiro. Therefore, this research aims to understand the dynamics of racism within these public institutions and what challenges are faced by black teachers in the performance of their office.

Keywords: Teachers. PhDs. Universities. Race Relations.

RESUMEN

CARNEIRO, Tatiane da Conceição. **Profesoras doctoras mujeres em curso de posgrado en educación y relaciones raciales una mirada al racismo institucional**. 2019. 98 p. Disertación (Maestría en Educación, Contextos Contemporáneos y Demandas Populares). Instituto de Educación / Instituto Multidisciplinario, Universidad Federal Rural de Río de Janeiro, Seropédica / Nova Iguaçu, RJ, 2019.

El acceso a la educación siempre ha sido una demanda de movimientos negros en Brasil. La batalla por una sociedad más igualitaria y justa. Esta incesante lucha y movilización permanente dio como resultado el deseo de varias mujeres negras de acceder a los bancos universitarios, buscando en la carrera docente la ascensión social y profesional.

Este trabajo nos lleva a reflejar que cada vez más nosotras, las mujeres negras tenemos que ir en busca del cumplimiento de nuestros sueños. Por lo tanto, el objetivo de este estudio es resaltar la trayectoria y relevancia que las mujeres negras han traído al campo de la investigación. Por lo tanto, nuestra propuesta es investigar, perfil de cuatro de ellos que tienen un doctorado y son profesores inscritos en cursos de postgrado en educación y relaciones raciales en universidades públicas de Río de Janeiro. Por lo tanto, esta investigación pretende comprender la dinámica del racismo dentro de estas instituciones públicas y los desafíos que enfrentan los maestros negros en el desempeño de su oficina.

Palabras clave: Docentes. Doctores. Universidades. Relaciones raciales.

Tabela de siglas

SUCAM: Superintendência de Campanhas de saúde Pública.

UNIRIO: Universidade Federal Do Estado Rio de Janeiro.

UFF: Universidade Federal Fluminense.

UERJ: Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Tabela de quadros

Quadro I.....	52
Quadro II	77
Quadro III.....	78
Quadro IV.....	79
Quadro V.....	81

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
MULHER E CIÊNCIA.....	25
1.1: Mulheres negras e ciências.....	34
RAÇA E RACISMO.....	37
2.1:Discutindo Racismo institucional.....	43
PROFESSORAS DOUTORAS NEGRAS: SUAS LUTAS E CONQUISTAS.....	55
3.1:Racismo e história de vida: Professoras Doutoradas na busca da transformação.....	65
3.2:Professoras negras no enfrentamento das múltiplas facetas do racismo.....	69
3.3: Um breve histórico sobre as mulheres negras entrevistadas.....	76
CONCLUSÃO.....	83
BIBLIOGRAFIA.....	89
ANEXOS.....	95

INTRODUÇÃO

SOBRE A PESQUISADORA

Na introdução, discorro um pouco sobre da minha trajetória e sobre como cheguei até aqui. Assim como foram a caminhada e os percalços encontrados, até minha entrada no mestrado em educação. Sou filha de pais negros, meu pai nasceu e se criou na comunidade Ladeira dos Tabajaras, em Copacabana, e minha mãe criou-se em uma outra comunidade carioca denominada Andaraí, onde parte da família mora ainda hoje. Minha mãe, durante um bom período da sua vida, trabalhou como doméstica e meu pai trabalhou realizando pequenos serviços de solda e auxiliar de pedreiro.

Minha mãe sempre foi favorável ao estudo, achava que pobre e preto só mudavam de vida se estudassem muito. Meu pai dizia que muito estudo era desnecessário, que não tinha importância e acrescentava, ainda, que era melhor ser uma boa dona de casa, porque sabendo fazer bem os afazeres domésticos seria mais fácil almejar uma vaga de emprego, na casa da “madame”. Entre esses pensamentos controversos, foi que eu cresci.

Minha mãe resolveu dar o exemplo com suas próprias atitudes, voltando a estudar. Fez o curso de auxiliar de enfermagem. Após a formação, fez um concurso público para o Hospital Federal dos Servidores do Estado, sendo aprovada e, logo, começou a trabalhar, exercendo sua, então, profissão. Vendo a melhora da condição financeira da minha mãe, meu pai resolveu também voltar a estudar e terminou o que hoje chamamos de ensino fundamental. Posteriormente, fez um concurso para agente de endemias (SUCAM)¹ e foi aprovado, tomando posse pouco tempo depois. A partir daí, conseguiu um trabalho fixo, pois antes só fazia pequenos serviços e não conseguia trabalhar em uma boa empresa. Dessa forma, ele passou a pensar um pouco diferente a respeito dos estudos. Mas ainda assim, ele seguia argumentando que estudo não tinha tanta importância assim.

Em nossos diálogos, minha mãe sempre discutia a questão da cor da pele. Ela sempre reitera que pretos são humilhados pelos brancos e que era fundamental que nós, como jovens

¹ Superintendência de Campanhas de Saúde Pública

negros, estudássemos tanto quanto os jovens brancos e tivéssemos bons empregos. Ela discorria: "pretos não podem ficar para traz, já somos desprivilegiados, somente por sermos pretos".

Durante toda minha infância e início da minha adolescência, sempre gostei muito de estudar e não acreditava ter problemas com relação às questões racistas. Tal fato não ocorria devido a eu estudar em uma escola pública da periferia . Ali, a grande maioria dos alunos eram negros. Assim, me sentia "em casa". Até ouvia alguns xingamentos relacionados à cor da minha pele, muito provavelmente por ser uma menina negra de pele escura. Porém, respondia a altura e não me deixava influenciar.

Na verdade, quando digo que não tive grandes problemas, significa dizer que, pelo desconhecimento das questões raciais, eu acreditava que aqueles xingamentos eram apenas implicância daquelas pessoas. Assim sendo, pensava que não deveria dar ênfase àquilo. De forma simples e rápida, respondia com outro xingamento e ficava tudo por isso mesmo.

Por sempre tentar ajudar aos colegas, constantemente era chamada de “ Negra de alma branca”, mas, também, pela falta de entendimento, nunca achei estranho quando as pessoas se referiam a mim dessa maneira. Pelo fato de sempre ter gostado de estudar e, como havia terminado meu ensino fundamental, em uma escola estadual, onde as greves eram constantes, e existia a falta de muitos professores e outros profissionais da Educação, decidi conversar com minha mãe e ir buscar uma bolsa de estudos, em uma instituição privada de ensino. Foi a partir dessa atitude, que começaram verdadeiramente, as minhas dificuldades. Quando iniciei meu ensino médio, resolvi fazer o ensino técnico e, para isso, fui para uma escola particular, pois, na época, não havia esta formação onde eu estudava. Além disso, escola anterior tinha sérios problemas estruturais.

Assim, consegui uma bolsa em uma escola bem conceituada do município de Nova Iguaçu, localizado na Periferia do Rio de Janeiro. A partir desse momento, comecei a viver aquilo que chamei dos dias mais difíceis que vivenciei, até o momento, pois éramos poucos negros, em uma escola majoritariamente frequentada por brancos. Recordo-me que estava com apenas quinze anos de idade. Estávamos no ano de 1995, e, logo nos primeiros dias de aula, já comecei a experimentar diversos tipos de xingamentos, desdém e muitas humilhações, por parte de alguns alunos daquela instituição. Todas as vezes que descia para o

intervalo, eu era chamada de "macaca", "neguinha", "preta", "cabelo duro", entre outros apelidos. Alguns colegas chegavam a dizer que ali não era o meu lugar.

Como ainda era muito jovem, jamais conseguiria entender o porquê daquela situação de discriminação, uma vez que aquelas pessoas nem me conheciam. Eu não esboçava nenhum tipo de reação às "brincadeiras" realizadas por aquelas pessoas e tais brincadeiras se tornaram tão frequentes que, antes mesmo da metade do ano, já não queria mais frequentar aquele lugar. Tornei-me apática. Meu rendimento obteve uma queda significativa, mas o medo e a vergonha não me deixavam falar com ninguém da minha família e, menos ainda, com alguém de lá. A única vez que tentei conversar com a coordenadora Pedagógica da escola, recebi o olhar e a resposta de que aqueles rapazes estavam apenas brincando, mas que iria chamar a atenção deles, virando as costas e saindo. Era como se uma jovem, negra, bolsista, não pudesse reclamar das condições adversas da instituição.

A partir daquele momento, tornei-me uma jovem insegura, medrosa, que achava que meu lugar era em qualquer outro, menos na escola. Durante alguns meses, vivenciei aquela situação, até que para fugir de toda aquela humilhação, que aumentava com o passar dos meses, falei com meus pais que queria parar com os estudos, para ajudar no sustento da família, mas, já sabia que a resposta deles seria negativa. Então, utilizei esse mesmo pretexto, para solicitar a o estudo noturno. Num primeiro momento, tanto meu pai quanto minha mãe, não foram muito favoráveis à ideia, mas, aos poucos, foram perdendo a resistência e acabaram por permitir que eu finalizasse meu ensino médio no horário da noite, mesmo com todos os receios que tinha, por já ter passado grandes adversidades no turno da manhã.

Tinha um único pensamento que era o de terminar o ensino médio, conquistar um emprego e nunca mais voltar a pisar em um local como aquele. Acho que posso dizer que tive muita sorte, pois no turno da noite a maioria dos alunos já era mais velha e, a maior parte, já trabalhava ou fazia algum tipo de estágio na área, pois cursava o técnico em patologia clínica (laboratório).

Era bem mais tranquilo estudar durante o horário noturno. Sofri com o preconceito racial, sim, mas, dessa vez, de uma forma mais sutil - se é que posso chamar assim. Estudando neste horário, me sentia menos humilhada e discriminada. Assim, percebi que, no turno da noite, havia algum respeito não só para comigo, mas também, para com os outros negros que estudavam lá.

Percebi que ainda existia um certo estranhamento por parte dos alunos, mesmo os que estudavam a noite, pois, apesar de ter um número maior de negros que o curso diurno, a maioria, esmagadora ainda, era branca. Muitos dos colegas estudantes, me elogiavam pelo desempenho positivo, até me consideravam uma “pretinha inteligente”. Outros se surpreendiam com os meus resultados nas provas, como se fosse proibido ou algo absurdo uma aluna negra tirar notas melhores que os brancos. Aos poucos fui amechando alguns amigos. Minha afinidade maior era com os alunos negros. Nessa época, havia uma aluna e eu, totalizando duas negras na sala de aula. O curioso é que, os colegas brancos, ao verem minhas notas, sempre me perguntavam se eu era bolsista, porque, segundo eles, a escola sempre dava oportunidade para alunos inteligentes, mesmo “os de cor”.

E, foi assim, em meio às dificuldades, que cursei e terminei meu ensino médio/técnico, em 1998, com a certeza, dentro de mim, de que jamais voltaria a estudar novamente. Pois, só em pensar em passar por aquele tipo de situação de novo, já me sentia amedrontada. Até pensei em fazer vestibular, mas achei melhor ir buscar um emprego. Trabalhei em diversos lugares, em vários cargos, mas não estava satisfeita. Nunca parei de pensar como seria estar em um curso superior. Sempre acreditei que, se um dia estivesse em uma universidade, seria um sonho realizado. Dez anos se passaram e, a minha vontade de voltar a estudar, era cada vez maior. Mas, ao mesmo tempo, pensava que iria passar por tudo aquilo novamente. Mas, como já havia passado bastante tempo, eu estava um pouco mais madura e experiente, mesmo que ainda muito insegura e com muito medo. Achava-me incapaz de conseguir a aprovação no vestibular e que “essas coisas” eram coisas de branco. Acreditava que a universidade não era o meu lugar.

A minha auto estima havia sido exterminada, assim como a minha esperança de que os jovens têm que “buscar algo melhor” para si. De acordo com o apontamento de Carneiro (2002), uma das características mais dolorosas do racismo é a maneira pela qual ele aprisiona o outro, em imagens fixas, enquanto reserva para os racialmente hegemônicos (brancos) o privilégio de ser representado em sua diversidade. Durante muito tempo, me senti aprisionada, com medo e com a sensação de incapacidade de realizar qualquer coisa. O efeito desse racismo, me acompanhou durante muitos anos da minha vida.

Nessa época, eu tinha um companheiro que me apoiava muito. Todas as vezes que eu comentava com ele meu desejo de prestar vestibular e cursar uma universidade, ele sempre me incentivava a tentar. Mesmo com muito medo e quase sem esperanças de uma resposta

positiva, por conta do muito tempo sem estudar, fiz a prova de forma silenciosa (sem falar com ninguém). Como não acreditava em mim, optei por não fazer grandes alardes, assim a dor da resposta, que poderia negativa, seria menor. Para minha surpresa, fui aprovada para cursar Pedagogia em uma universidade federal, bem conceituada no estado do Rio de Janeiro, a UFRRJ. Vi e entendi que eu poderia, sim, ser capaz de criar uma nova história, que, no lugar da vítima, eu poderia ser a pessoa que luta contra os preconceitos.

Dessa forma, eu não podia e não gostaria de virar vítima de mim mesma. Assim, fui brigar para que, mesmo em meio à tantas dificuldades, eu pudesse cursar e concluir minha graduação, com êxito. Sabia que as coisas não seriam fáceis, pois estava educacionalmente muito defasada. Já eram dez anos sem contato com os bancos escolares. Mas criei coragem e fui em busca da realização daquilo que antes me achava incapaz de alcançar.

Já na universidade, me deparei verdadeiramente com as implicações que o racismo trouxe ao povo negro. Esses resultados, fazem com que mulheres negras tenham minimizado seu acesso aos cursos de formação superior. Quando iniciei o tão sonhado curso de pedagogia, mais uma vez, me senti extremamente sozinha em meio à multidão. Olhava para os lados e não via meus iguais. Comecei a pensar: cadê as mulheres negras, trabalhadoras? Onde essas mulheres estão? Confesso que, mesmo sentindo falta dessas figuras femininas, continuei a minha formação. Queria poder, de alguma forma, expressar esse sentimento, porém, não sabia exatamente de que forma fazê-la'.

A partir desse momento, tiveram início meus muitos questionamentos e inquietações. Das diversas disciplinas cursadas, dos inúmeros períodos, poucas eram as vezes que encontrava com alunas negras na mesma disciplina. Dos quatro anos vividos no ambiente acadêmico, durante minha graduação, entre dois mil e oito e dois mil e doze, não tive a oportunidade de estudar com nenhuma professora negra. Embora estivesse na Baixada Fluminense, região de maioria negra no Estado.

Em meio a esse turbilhão de incertezas, meu companheiro que muito me apoiava, passou a ser contrário ao meu curso universitário. Afirmava, que estar na universidade não era coisa para nós, negros, e continuava a articular que pessoas como nós, tinham é que trabalhar. O mesmo protestava pelo tempo que eu passava ausente de casa. Na época, trabalhava no Centro da cidade do Rio de Janeiro. Devido a distância, não conseguia tempo para ir em casa, indo direto para universidade. Retornava já tarde da noite. Isso o deixava bastante insatisfeito.

Além disso, ele ponderava que não tinha que insistir com isso, tínhamos outras coisas mais importantes para pensar e fazer. Não desisti e continuei o que eu achava importante para mim. Até que um dia, fui surpreendida por ele na saída da universidade. Voltamos dialogando para casa e para minha surpresa, ele disse que eu precisava decidir entre estar com ele ou estar na universidade, colocou que, caso eu não parasse com meu curso de graduação, eu poderia sair da casa que morávamos. Fiquei um tanto assustada sem saber bem o que fazer, mas depois de algumas horas, já tinha tomado minha decisão. Acabei indo morar com uma amiga. Fiquei durante alguns meses, sendo ajudada por familiares e pessoas amigas.

Por essas e outras questões, estava determinada a concluir minha graduação e me aprimorar, enquanto estudante, enquanto mulher e principalmente enquanto negra. Assim, fui à procura de grupos de estudos, que, de alguma forma, me ajudassem a entender e a refletir sobre quem realmente sou, a que lugar eu pertencço e como, e porquê a nossa sociedade inclui a uns e exclui a outros.

Particpei do grupo de pesquisa Afrocentricidade e educação, junto ao professor Renato Nogueira, em que pude envolver-me em diversos cursos de extensão. Pude ter acesso à leituras que, antes, desconhecia. Pude ter uma visão mais abrangente de como funciona o racismo, pois, nos encontros do grupo de pesquisa, dialogávamos sobre questões raciais, líamos textos a respeito do tema, participávamos de oficinas e diversos encontros todos voltados para a discussão sobre racismo.

Durante minha graduação, tive a oportunidade de participar ativamente de diversos espaços de formação, como: congressos, rodas de conversas e palestras, principalmente, aqueles eventos que problematizavam as questões referentes à discriminação racial e de gênero, estes influenciariam diretamente em minha caminhada, na busca pelo meu próprio eu. Antes de entrar para o grupo de estudos Afrocentricidade e educação, confesso que, em determinados momentos, entendia como natural essa desigualdade entre negros e brancos, e tinha um discurso de que os negros são os que deveriam se posicionar e buscar um "lugar ao sol". Achava que, a falta de oportunidade e o fracasso, escolar e profissional, que acometia parte da população negra, fazia parte da falta de esforço individual. Hoje, percebo o quão tortuoso era esse meu pensamento.

Muitas vezes, acabava indo ao encontro da opinião da maioria, entendendo que as políticas públicas, voltadas para a população negra, eram desnecessárias e aumentavam ainda mais o preconceito. Em alguns momentos, acabei internalizando que o melhor era não falar a

respeito do racismo, porque, se não falasse, as pessoas não se lembrariam, e as humilhações e xingamentos não voltariam a acontecer.

Após as inúmeras discussões, que tive ao longo da minha graduação e enquanto freqüentei o grupo de pesquisa, passei a refletir e a entender (ou tentar), melhor que o racismo é uma construção social de poder, daqueles que se entendem como superiores. Dessa maneira, comecei a discutir o porquê das mulheres negras passarem por tantas formas de opressão e o porquê de as desigualdades se tornarem tão evidentes quando falamos delas. Assim, deparei-me, cada vez mais, submersa nas questões referentes ao gênero e à raça.

Na pesquisa de conclusão de curso, acabei abordando algo que me incomodava muito durante minha graduação, que é o acesso das mulheres negras. Via que, poucas mulheres negras, entravam nos cursos universitários da instituição onde eu estudava. Com a passar do tempo, percebi que, menor ainda, era o número daquelas que saíam formadas. A maioria, por diversas questões, acabavam por trancar ou abandonar o curso.

Diante de todas essas afirmações, podemos constatar que, mesmo de maneira implícita, o ensino superior não foi criado com intuito de receber negros, deixando claro a ideia do “não lugar ou lugar que não é o de direito” Euclides (2015). Dessa forma, cursá-lo, para muitas dessas mulheres, acaba se tornando um projeto de vida, um objetivo a ser realizado.

Pelo fato de boa parte das mulheres negras terem que lutar pela sobrevivência, não somente a sua própria, mas, também, a de seus familiares, muitas delas acabam por entrar de forma mais tardia nos cursos universitários. Com Isso, meu intuito era mais do que fazer uma análise de gênero ou de raça, minha intenção era a de entender como o racismo e o sexismo atuam de forma a podar as mulheres negras, até os dias atuais.

Desta forma, podemos entender que o racismo é um tema infundável, que ainda precisa ser muito estudado e discutido. Não se deve negar que foram grandes os avanços obtidos pela luta que os movimentos sociais empreendem, mas, a amortização do preconceito e da discriminação, estão longe de chegar ao fim. Assim, o motivo que me traz ao tema em questão e parte do que julgo minha tomada de consciência, enquanto mulher negra, são aflições que carrego comigo desde a época que estava na graduação.

Nesse sentido, acredito que seja importante falar de questões cruciais que marcaram tanto minha existência. Não somente a minha, mas a vida de inúmeras mulheres negras, que, assim como eu, durante muito tempo, não souberam qual era realmente seu lugar.

SOBRE A PESQUISA

O trabalho a seguir tem a finalidade de entender a respeito da trajetória profissional de mulheres negras professoras doutoras, que atuam nos cursos de pós-graduação em Educação nas universidades públicas do Estado do Rio de Janeiro. Essa pesquisa objetiva, portanto, entender a dinâmica do racismo, no âmbito dessas instituições públicas, e, quais desafios são encontrados por essas docentes, no desempenho de seu ofício.

A metodologia que a norteia é a qualitativa. Entre as diversas técnicas em que coletam-se dados, optamos por utilizar o relato das vivências educacionais e profissionais das entrevistadas. Essa técnica está sendo aplicada, pois nos permite, de forma eficiente, reportar as experiências experimentadas por cada uma delas, desde a graduação até aqui. Com o intuito de instrumentalizar esse estudo, optamos por realizar entrevistas semi estruturadas, para que não houvesse perdas significativas dessas experiências, em que iremos dialogar com professoras doutoras negras, identificadas dentro de instituições públicas nas esferas Estadual e Federal atuantes no Estado do Rio de Janeiro.

Todas as professoras universitárias entrevistadas se autodeclararam negras. Estas atuam nos cursos de pós-graduação em Educação ou em Relações Raciais. Nem todas têm a Educação como sua formação inicial. As entrevistadas relatam como suas trajetórias educacionais foram demarcadas pelo racismo e discriminação racial.

Na continuidade deste texto, apresentaremos qual era nosso objetivo com essa pesquisa e, também, qual referencial metodológico que auxilia esta pesquisa e o processo de produção e análise dos dados. Num segundo momento, tecemos discussões a respeito das mulheres, no campo das ciências. E, em um terceiro momento, faremos uma discussão a respeito de raça e racismo. Finalizaremos a discussão, com a fala das nossas entrevistadas, problematizando a questão do acesso da mulher negra à docência dos cursos de pós-graduação

SOBRE A METODOLOGIA

O objetivo principal deste estudo é: destacar a trajetória que marca a vida e a relevância que as mulheres negras têm trazido para o campo das pesquisas institucionais. Dessa maneira, nossa proposta é investigar o perfil de professoras negra,s que possuem doutorado e que estão inseridas nos cursos de pós-graduação, em Educação e em Relações Raciais, nas universidades públicas do Estado do Rio de Janeiro.

Especificamente, nosso objetivo é de analisar como foi a trajetória das mulheres negras da infância até a chegada a docência superior (mestrado e doutorado) de universidades públicas cariocas e resgatar a trajetória educacional e profissional de cada uma das entrevistadas, através de entrevistas semi estruturadas, na intenção de entender melhor como foi o caminho percorrido até aqui.

Com a realização das entrevistas, buscamos conhecer a trajetória acadêmica e profissional de quatro pesquisadoras, docentes dos cursos de pós-graduação, que atuam em universidades Estaduais e Federais do Rio de Janeiro.

Desse modo, procuramos identificar, nas trajetórias narradas, os preconceitos, discriminações, conflitos, dificuldades, conquistas, relações entre trabalho e vida familiar, entre outros aspectos importantes.

No Brasil, as relações raciais instituem um episódio estrutural, no qual o negro surge como ator principal. Sua presença gera um enorme desconforto, pois indica a vulnerabilidade do nosso país em acolher a população negra , dado o atraso natural da condição de incluir de forma autêntica homens e mulheres negras.

Com o intuito de alcançar os objetivos aqui propostos e, ao mesmo tempo, responder as questões levantadas nesta pesquisa, a metodologia utilizada neste trabalho foi obtida mediante a realização de um estudo bibliográfico e uma abordagem qualitativa.

O recurso metodológico utilizado foi o de amostragem, uma vez que a intenção da nossa pesquisa foi a de utilizar uma pequena quantidade de amostras (entrevistas), para estudar as trajetórias vivenciadas por nossas professoras negras. A pesquisa organizou-se da

constituição do roteiro de entrevistas semi estruturadas (em anexo). As entrevistas que foram realizadas com 4 professoras, que se auto reconhecem negras e que atuam como docentes nos cursos de pós-graduação.

O ambiente para realização da pesquisa foi construído, junto aos cursos de pós-graduação stricto sensu de quatro universidades públicas do Rio de Janeiro. As informações que constam nesta pesquisa, foram coletadas através de entrevistas semi estruturadas e realizadas com as docentes dos cursos de Educação e Educação para as Relações Raciais.

Nos últimos anos, houve um crescimento significativo nos estudos que discutem as questões sobre racismo e relações raciais. E, dessa forma, houve, também, a necessidade de ampliação dessa discussão, que motivou a escolha do tema e das entrevistadas.

Os dados da pesquisa apontam a existência de uma sub representação das mulheres negras, atuando como docentes nos cursos de pós-graduação nas universidades públicas no estado do Rio de Janeiro. Outras informações significativas produzidas nesta pesquisa é investigar a relevância da trajetória das mulheres negras na pós-graduação.

As mulheres negras mostraram as dificuldades que encontraram para poder obter ascensão social e respeito no exercício do magistério. Conhecemos as pressões a que foram submetidas e como, de certa forma, estas conseguiram construir novos significados às suas histórias de vida. Num esforço contínuo elas caminham e se fortalecem marcando suas vidas com histórias de sobrevivência. (Oliveira, A.S, 2009 pág.172)

Ao identificar e localizar essas professoras, realizei o primeiro contato com elas, via e-mail e telefone, perguntando a respeito do interesse em participar da pesquisa em questão. Após o primeiro contato, marcávamos um encontro e, nesse momento, realizávamos a entrevista e, ao mesmo tempo, um diálogo entre pesquisadora e entrevistadas.

Ao longo desta pesquisa, acabamos por nos conhecer e reconhecer nas histórias umas das outras. Assim como discorre Amorim (2004): toda pesquisa no campo das ciências humanas é um encontro com o outro. A análise das trajetórias se tornou importante para nossa pesquisa, pela importância de se falar sobre as mulheres negras, uma vez que elas são indivíduos que, historicamente, mais sofrem com o racismo e a discriminação racial, primeiro por serem mulheres e segundo por serem negras.

A partir de tudo que foi visto aqui, acredito que a produção dessa pesquisa, tendo como protagonista as mulheres negras, que conseguiram ingressar nos cursos de pós-graduação stricto sensu e chegaram à docência superior, certamente trará conhecimentos importantes sobre racismo e discriminação racial dentro do sistema educacional carioca.

No decorrer dessa pesquisa, buscava-se explicações para diferentes questionamentos tais quais: como sucedeu-se a trajetória pessoal, educacional e profissional de cada uma das entrevistadas, se houve a influência da condição racial nas suas trajetórias e quais foram as possíveis dificuldades encontradas, para acessarem a universidade enquanto docentes da pós-graduação.

O preconceito e a discriminação de raça, juntamente com o de gênero faz com que as mulheres negras encontrem maior dificuldade em acessar e permanecer no campo das ciências. A seguir, discutiremos um pouco mais a respeito da entrada e da permanência das mulheres nas ciências e como elas vêm derrubando as barreiras impostas, para que seus trabalhos como pesquisadoras sejam reconhecidos.

Capítulo 1 Mulheres na Construção da Ciência.

A ciência, neste estudo, é entendida como uma narrativa, uma invenção social e histórica estabelecida em profundas e intrincadas redes de poder, que institui procedimentos, métodos, saberes e “verdades” e, ao mesmo tempo, determina quem pode fazer ciência e sentir-se cientista (HENNING, 2008).

Utilizo-me desta passagem, na intenção de anunciar que, o próximo capítulo, apresenta uma discussão a respeito da problemática referente ao acesso, à permanência e ao reconhecimento das mulheres no campo das ciências. Trataremos aqui o papel das mulheres na construção das ciências.

Segundo Bragança e Souza (2010), desde a idade média, as mulheres ocidentais apresentam uma condição de submissão aos homens. Portanto, de acordo com as autoras, as mulheres eram educadas para casar, ter filhos e cuidar da família, em uma sociedade onde o homem era o provedor, não se esperava nada mais da figura feminina, a não ser a subordinação total à figura masculina.

Desta forma, discorre Aristóteles: "Em todas as espécies o macho é evidentemente superior a fêmea, a espécie humana não é exceção" (Aristóteles, 1991; Apud, Bragança e Souza, 2010), ele continua: “Quanto ao sexo, a diferença é inapagável: qualquer que seja a idade da mulher, o homem deve cultivar sua superioridade” (Aristóteles, 1991, Apud Bragança e Souza, 2010).

Da mesma forma, segundo Bragança e Souza (2010), podemos assegurar que os papéis destinados a homens e mulheres não são atribuições naturais ou biológicas, mas, sim, composições de acordo com as necessidades sociais e econômicas de cada coletividade.

A sociedade demarca, com muita precisão, os locais em que a mulher pode atuar, da mesma forma que adverte os terrenos em que pode operar o homem (SAFIOTTI, 1988). As imputações e características específicas e assinaladas entre homens e mulheres são originadas pelos diferentes tipos de culturas estabelecidas por cada sociedade (SAFIOTTI, 1988).

A presença feminina nas ciências, pode ser observadas em diferentes períodos da história. Houve tempo em que as ciências eram produzidas no domínio familiar e, neste caso, o acesso das mulheres era um tanto mais facilitado já que, com frequência, elas eram iniciadas nas ciências por seus pais, maridos ou irmãos, no intuito de ajudá-los, em suas pesquisas e descobertas.

Segundo Casagrande e Schwartz (2005), com a oficialização das ciências e a mudança do domínio familiar para o ambiente universitário, a participação da mulher ficou ainda mais restringida, pois o acesso delas à universidade não era admitido. Assim, durante aproximadamente um século, elas não tiveram a oportunidade de desenvolver pesquisas científicas, nem mesmo como assistentes dos homens.

O fato das universidades negarem a presença das mulheres, durante tantos anos, certamente, foi um agravante, para que elas até hoje tenham possuído menos destaque no campo científico. Outro ponto que pode ter dificultado a entrada delas nas ciências, é a pouca informação que se tem de mulheres que realizaram grandes feitos na carreira. Como conseqüências muitas jovens acabam por desencorajar-se do mundo do conhecimento.

No que se refere à produção científica, historicamente, as mulheres sofrem com a sujeição e com a inferioridade, devido às relações de poder que constituem a homens e mulheres e, por essa razão, as mesmas foram praticamente excluídas do campo das ciências (Carvalho e Casagrande, 2011).

Entendemos que não são poucas as dificuldades que elas enfrentam, para serem aceitas no mundo científico. Se analisarmos a respeito do surgimento das metodologias da ciência, perceberemos que são poucas as que se destacam efetivamente nesse campo.

Velho e Leon (1998) discorrem que de modo geral desde pequenas as meninas são menos estimuladas a gostarem de disciplinas voltadas para as áreas das ciências. Além do pouco incentivo da escola, elas não são encorajadas, por alguns familiares, a se envolverem mais com esse tipo de atividade. Em contrapartida, os rapazes são mais motivados a praticarem atividades voltadas para as ciências.

Ainda discutindo com as autoras acima citadas, elas afirmam que, em alguns casos, os próprios pais e familiares das meninas não vêem utilidade nas carreiras científicas, desejando que suas filhas sigam outras carreiras. O pensamento geral é que as áreas científicas por proporcionarem maior status e maiores salários são voltadas para o público masculino. E claro

que isso não significa dizer que elas eram, ou são, incapacitadas para a produção de conhecimento.

Na verdade, isso denota que a questão da dificuldade da inserção das mulheres nas ciências, está relacionada a um contexto histórico, que a sociedade idealiza como correto. É importante, também, discorrer a respeito do conhecimento, que era produzido por mulheres, este, efetivamente, não era considerado conhecimento científico, simplesmente, porque era realizado por uma pessoa do sexo feminino. Contudo, por mais que o conhecimento produzido por elas não fosse considerado científico, ele foi a base para que muitas pesquisas se realizassem Carvalho e Casagrande (2011).

No Brasil, a concessão para a entrada das mulheres na universidade só aconteceu em 1879. E, a primeira mulher, no Brasil, a se graduar em medicina, foi Rita Lobato Velho Lopes em 1887. Foi ultrapassando obstáculos, suportando os preconceitos e sendo discriminadas, que as mulheres alcançaram, aos pouco, subjugar, avançar e alcançar sucesso como cientistas. Contudo, as façanhas científicas desempenhados pelos homens, de modo geral são mais valorizados, do que aqueles realizados pelas mulheres .

Ainda segundo Carvalho e Casagrande (2011), por mais subalternos que fosse o conhecimento produzido por elas, era deveras importante para o surgimento e evolução de diferentes áreas científicas. Além do mais, as mulheres eram impedidas de realizar diversos movimentos favoráveis a sua entrada no campo das ciências. As mesmas não podiam frequentar bibliotecas, nem universidades, além de, também, serem impedidas de discutir a respeito de produção de conhecimento científico como os pesquisadores homens.

Elas não podiam nem mesmo publicar suas pesquisas usando seu próprio nome, se quisessem fazê-lo, era necessário utilizar-se de um nome fictício ou fazer uso do nome de um parente homem, caso eles assim permitissem. Todas essas questões não as impediu de serem produtoras de conhecimento, mesmo sendo a maioria das vezes mantidas na invisibilidade.

Enquanto as mulheres eram podadas de todas as formas, para não terem suas produções reconhecidas, aos homens era dado toda a liberdade para realização de pesquisas e produções, dos mais diversos conhecimentos, sendo assim, o conhecimento científico produzido pelas mulheres e reconhecido socialmente, foi tardiamente desenvolvido.

Se conceituarmos ciências de acordo com Carvalho e Casagrande (2011) perceberemos que ela foi uma criação social onde utiliza-se parâmetros masculinos. As autoras explicam que o rigor nas pesquisas era considerado uma característica que somente eles tinham. Outro fator fundamental que impede a entrada marcante das mulheres no mundo das ciências trata-se da chamada divisão sexual do trabalho, onde socialmente define-se que o “macho” trabalha fora do lar e a “fêmea” situa-se dentro do lar, assim sendo os homens tem como se dedicar integralmente ao mundo acadêmico. Ou seja as pesquisas e produção de conhecimento científico enquanto as mulheres em contrapartida acabam, ficando em desvantagem por não obterem as mesmas possibilidades.

Percebemos o quão é difícil para as mulheres se fortalecerem e desempenharem seu papel enquanto produtora de conhecimento. Entende-se que por vivermos em uma sociedade patriarcal as mulheres têm poucas oportunidades de ascensão profissional atuando como cientista. Carvalho e Casagrande (2011) ressaltam: com relação a divisão sexual do trabalho, a concepção de que o homem é o provedor e portanto seu lugar é fora de casa garantindo o sustento da família vem mudando. Na atualidade as mulheres ocidentais vem conquistando inúmeras frentes de trabalho inclusive nas áreas científicas:

Uma vez feita a opção pela carreira científica, a mulher se depara com o conflito da maternidade, da atenção e obrigação com a família vis-a-vis as exigências da vida acadêmica. Algumas sucumbem e optam pela família, outras, pela academia, e um número decide combinar as duas. Sobre essas últimas, não é necessário dizer quanto têm que se desdobrar para dar conta não apenas das tarefas múltiplas, mas também para conviver com a consciência duplamente culposa: por não se dedicar mais aos filhos e por não ser tão produtiva quanto se esperaria (ou gostaria). (VELHO, 2006, p. 15)

Contudo elas foram resistentes e romperam várias barreiras deixando de lado todo o preconceito e discriminação. É importante considerar que a entrada das mulheres na ciência, fundamentalmente, não as desobriga das responsabilidades com o cuidado da casa e da família, já que prossegue a clássica divisão sexual do trabalho. Desse modo, a mãe, mulher e pesquisadora, se depara com uma excessiva jornada de afazeres, na qual ela precisa dar conta das requisições da vida acadêmica e das encargos familiares. Ainda nos dias atuais exige-se muito mais da mulher, do que do homem. Carvalho e Casagrande (2011).

Leon e velho (1998) afirmam que nos últimos anos vem aumentando a entrada das mulheres, que buscam a carreira científica. Essas entram nos cursos de formação superior voltadas para áreas das ciências. Contudo, a disparidade entre homens e mulheres ainda é muito grande. Para uma única mulher atinge o auge da carreira e o reconhecimento social, aproximadamente dez homens atingem o mesmo feito. Sabemos que nos dias atuais já houve um progresso, em relação a décadas atrás, das mulheres no mundo das ciências, mais ainda sim elas são sub representadas quando se trata de atuar enquanto profissional nessas áreas. Mesmo com maior acesso das mulheres nas carreiras que envolvem as ciências, o número de reais mulheres cientistas ainda e muito baixo.

Ainda discutindo as autoras acima citadas, elas esclarecem que a ciência contemporânea é um fruto de muitos anos de exclusão das mulheres. o artifício de trazer mulheres para a ciência demandou, e vai a demandar, intensas mudanças significativas na cultura, metodologia e conteúdo da ciência atual. Velho e Leon, (1998) discorrem: Tradicionalmente a mulher acessa menos o campo científico porque é considerada menos produtiva que os homens, dessa maneira seriam pouco valorizadas e menos recompensadas que os homens para atuarem na mesma função que eles.

Dessa forma podemos entender que a parte da população feminina tem limitações que muitas vezes a impedem de acessar, e mesmo quando acessam esses entraves as competem de aproveitar o ambiente acadêmico, e em casos mais críticos, as impossibilitam de permanecer na academia, assim como ressalta Costa (2006).

Ainda discutindo com Leon e Velho, (1997) elas colocam que alguns estudos buscam entender o porque mesmo já inseridas em uma carreira acadêmica de cunho científico , as mulheres avançam de forma bem mais vagarosa que os homens que ocupam o mesmo ofício. As autoras também discorrem que existe uma forma plausível de explicar porque a carreira científica no caso das mulheres acontece de forma mais lenta do que as dos homens, elas afirmam que a respeito das ciências, as mulheres acabam sendo menos operacionais que os homens, por esse motivo suas carreiras alavancam de forma mais branda que a deles, segundo as autoras, as mulheres dão prioridade a outros quesitos tidos como femininos, como casar e ser mãe, o que acaba atrasando em comparação aos homens a carreira delas. Um ponto importante a ser colocado aqui e que independente das mulheres se encontrarem em maior proporção em uma dada instituição ou departamento, sua ascensão profissional era sempre proporcionalmente menos e mais dificultada que a dos homens.

Ainda dialogando com Leon e velho (1997) outro motivo para que as encontrem mais dificuldades em se estabelecer no campo científico, e que elas acabam evadindo mais que os homens, na sua maioria. Os homens finalizam seus cursos superior enquanto as mulheres por variados motivos não tem o mesmo percentual de conclusão.

Segundo os escritos de Ávila e Portes, (2009), mesmo com a maior inserção das mulheres no ensino superior brasileiro, existe a “ideologia da vocação”, que por meio de instituições e práticas sociais, acaba por ser introduzida nos sujeitos femininos e masculinos, fazendo-nos acreditar que existem carreiras específicas para mulheres, que naturalmente são diferentes das carreiras específicas para os homens. Levando à “guetização” das carreiras conhecidas como femininas. Após o procedimento de conhecimento, os indivíduos entendem a idéia de quais são suas posições na sociedade e alocam-se nelas como se elas obedecessem à ordem adequada das coisas. Essa arrumação (entendida como natural) é apenas uma construção social.

Com a ampliação das carreiras acadêmicas e não acadêmicas de modo geral, a representatividade das mulheres na carreira científica acaba por entrar em declínio. Isso se dá devido às diversas opções de atividades nas quais as elas podem atuar que não seja a área das ciências. Velho e Leon (1997) apontam que a proporção de mulheres com relação aos homens variam de acordo com área de atuação escolhida por ambos. Segundo elas estudos esclarecem que existe uma propensão maior para que as mulheres atuem nas áreas humanas e biológicas e os homens apresentam-se mais atuantes nas áreas de exatas física e matemática.

As mulheres que conseguem romper as barreiras e acessar as carreiras as áreas reconhecidas como masculinas percebem que existe a necessidade de serem muito persistentes para permanecerem nas carreiras. Segundo as autoras citadas no parágrafo acima, um dos maiores problemas enfrentados por elas quando seguem a carreira acadêmica, é o trato com os orientadores que na sua maioria são homens e tem uma vida diferenciada das mulheres.

As autoras ainda ponderam que carreiras como as científicas exigem muitas horas de laboratório, leituras e práticas é essa imposição as vezes não se adéquam aos padrões femininos, isso porque a maioria dos homens (que são maioria nessas carreiras) não precisam se preocupar com a questão dos horários de entrada e saída do trabalho, o que já não acontece com as mulheres, que na sua maioria além da carreira acadêmica tem outra estrutura social e

familiar para além da instituição. Por esse motivo os homens atingem o ápice da carreira em média na metade do tempo em que as mulheres na mesma área de atuação alcançam.

Velho e Leon (1997) especificam que mesmo as mulheres que se qualificaram para atuar nas áreas científicas, sofrem com uma espécie de impedimento quando se trata de sua ascensão profissional. A sociedade em si já discrimina as mulheres, e elas já sofrem por serem do sexo feminino, e também por tentarem “competir” com os homens.

Algumas vezes as mulheres atribuem os conflitos existentes como família/trabalho como um dos fatores preponderantes para que a ascensão na carreira feminina seja mais lenta para se solidificar do que as carreiras masculinas. Ao passo que, para mulheres cientistas, o matrimônio pode significar um empecilho a mais, para homens, o casamento pode expressar a constituição da estrutura que dará o sustentáculo necessário à finalidade de consolidar sua carreira por meio de uma atuação que lhe garanta o reconhecimento diante da sociedade. Assim como exemplificam velho e Leon:

As mulheres que aderem ao chamado modelo masculino de trabalho científico, acreditam que os conflitos família-trabalho tem caráter pessoal e individual são eles: Ter um marido compreensivo, capacidade pra ser organizar mediante aos compromissos, ter recursos financeiros para ter quem ajude nas tarefas da casa, além de outras. Uma ou outra mulher em particular conseguem encontrar seu caminho, mas o problema continua lá para a próxima, e se essa não encontrar essas soluções acaba por “falhar” enquanto profissional (velho e Leon, 1997, pag. 342.)

Silva e Ribeiro (2014) comentam sobre a importância do feminismo para a entrada das mulheres na carreira científica. Elas afirmam que na atualidade muitas estão rompendo barreiras e adentrando em diversas áreas das ciências. As autoras chamam a atenção para um detalhe importante, elas discorrem que as mulheres estão mais propensas a atuar em áreas como as ciências humanas e sociais. Essas áreas são conhecidas como “guetos femininos” porque segundo elas são ocupações que não trazem tanto status como as carreiras mais procuradas pelos homens.

Ainda discutindo com Silva e Ribeiro (2014) elas corroboram a respeito do fenômeno denominado “teto de vidro” sobre essa questão elas afirmam: esse é um feito que acomete as mulheres ainda em início de carreira. Dessa forma mesmo que as mulheres quantitativamente

estejam em número maior, hierarquicamente os postos de chefia estarão ocupados pelos homens, independente da área de atuação.

Ao serem questionadas do porquê das desigualdades entre mulheres e homens na carreira científica Silva e Ribeiro (2014) discorrem: a diferença entre os sexos ocorre devido as relações e mérito. A chamada meritocracia e o fator fundamental que segrega masculino e feminino. Tradicionalmente os homens obtêm um desempenho maior dentro do ambiente acadêmico, nesse contexto acredita-se que a mulher é menos produtiva, se tornando de certo modo inferior aos homens, o que dificulta que elas sejam tão valorizadas quanto eles.

Velho (2006) discute a respeito de como é construída a trajetória da mulher no campo das ciências, ela afirma que esse é um percurso que segue um padrão masculino produtividade, para a mulher tanta produtividade como os homens, elas teriam a necessidade de passar longos períodos de tempo (pesquisando/engendrando). Assim criou-se um estigma que para o trabalho científico ser valorizado é necessário que exista uma produtividade em larga escala.

Em seus escritos Silva e Ribeiro, (2014) afirmam que desde o surgimento das ciências houveram sempre muitos conflitos entre mulheres e homens. Mais se realizarmos uma análise mais aprofundada, perceberemos que o campo das ciências o homem sempre foi compreendido como referência, enquanto a mulher é vista como alguém que auxilia, ajuda, mais não que produz o conhecimento.

A ciência assim como diversas outras carreiras são disciplinas socialmente construído. Por esse motivo não são imunes a sofrer diferentes moldes de preconceito e discriminação. Em linhas gerais as instituições em que são produzidas as ciências, são espaços onde existe uma acentuada relação de poder que separam os homens das mulheres. Silva e Ribeiro (2014) afirmam que assim como o preconceito de raça, o preconceito de gênero muitas vezes não ocorre de forma clara. Essas diferentes formas de discriminar as mulheres cientistas são experiências que foram percebidas a partir do momento que se identificou que as mulheres não possuem as mesmas oportunidades de ascensão profissional que os homens

Falar sobre o tema mulher e ciência envolve variados aspectos. Um deles diz respeito ao acesso e a participação das mulheres nos diversos campos científicos. Outra dimensão refere-se discriminação e às relações de gênero nos espaços de produção do conhecimento.

Um terceiro aspecto envolve o próprio campo do conhecimento produzido por mulheres, e o porquê esse conhecimento é tão desvalorizado.

Para se adequarem ao universo do trabalho científico muitas mulheres acabam por abster-se de características naturais femininas (sensibilidade, fragilidade) em detrimento ao comportamento que se deve manifestar quando se trabalha em um recinto masculino. Características como agilidade para tomar decisões, firmeza, falta de sensibilidade, são modelos apresentados como adequados para um ambiente onde se produz conhecimento.

Ribeiro e Silva (2014) ponderam que no mundo das ciências já estabeleceu-se um rótulo para homens e mulheres. Se considera masculino aquilo que necessita de Raciocínio lógico, o que é objetivo, aquilo que tem como fator principal a razão. Em contrapartida institui-se como feminino tudo aquilo que representa emoção, sensibilidade e subjetividade. As características femininas são identificadas por tornar a pesquisa menos científica. A relação existente entre homens e mulheres que atuam nesse ramo, é uma relação de poder. Eles detém o poder da produção de conhecimento, elas culturalmente são meras receptoras do mesmo.

Vivemos em um mundo no qual a cultura androcêntrica administra as formas de comportamento dos indivíduos. Desta forma estamos culturalmente propensos a analisar as realizações masculinas como mais importantes que as femininas. Outra tendência é a de analisar que as concretizações relevantes são façanhas de homens e a descobrimento de que a uma mulher é inventora ou descobridora de uma nova ciência, comumente causa surpresa

Outro impedimento imposto à participação feminina na produção das ciências é a imagem do cientista (homem ser solitário) que suporta ficar o tempo todo impenetrável em seu laboratório, que não tem nenhum tipo vida social é nem familiar. A mulher tem uma visão diferente porque tem mais responsabilidade com a família e desta forma ser mulher e ao mesmo tempo ser cientista não representam uma tarefa fácil. Embora ao longo da história ocidental, as mulheres estivessem presentes no mundo da produção de conhecimento suas carreiras foram e até hoje são marcadas pela inexistência e invisibilidade.

1.1 Mulheres negras e ciência

A partir dos estudos de Santos e Moreira (2017) as mulheres negras, só tiveram acesso à educação formal por volta de 1720, período em que se armazenam os primeiros relatos da escolarização da população negra. O direito ao ensino público para os negros somente foi concedido no final de 1870 com a reforma do Ensino Primário e Secundário. Já no ensino superior as mulheres só conseguiram o direito de estudar na universidade a partir em 1879. Porém, a presença da mulher na universidade brasileira só se consolidou no final do século dezenove, apontada pela inserção da primeira mulher em uma universidade do Estado da Bahia, finalizando seus estudos em um curso legitimamente masculino, que foi o curso de medicina. Desde então, é crescente o número de mulheres ingressantes nos cursos superiores das universidades brasileiras. Santos e Moreira (2017) afirmam: ser negro no Brasil é estar subjugado a diferentes formas de preconceitos e discriminação nos diversos departamentos da sociedade, inclusive no educacional.

Segundo os escritos, Dossiê mulheres negras : um retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil / organizado por Mariana Mazzini Marcondes ... [et al.]- Brasília: IPEA (2013) a participação das mulheres negras é o acesso ao ensino superior tem crescido bastante, seja ele por meio de políticas de expansão, de ações afirmativas, ou utilizando-se de outras formas de admissão. No entanto, elas ainda são a minoria a bancada universitária. Existe sim uma distribuição de intensa desigualdade entre as mulheres e homens, brancos e negros. Essa não é uma questão específica dos dias atuais, bem oposto disso, as taxativas escolhas das carreiras têm esclarecimentos muito tradicionais. Dessa forma, as instituições de ensino acabam sendo reprodutoras e legitimadoras da discriminação contra a população negra de forma geral.

Segundo o Censo Demográfico 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, 50,74% da população brasileira são negros (compreende-se; pretos e pardos). Esse grupo abrangia 28,46% da População Economicamente Ativa, (PEA),deles, apenas 1,77% possuía ensino superior completo, a renda per capita média é sempre menor que a renda da população branca: R\$ 1.428,79 contra R\$ 2.510,44 da PEA branca. (IBGE, 2014).

Segundo Maria Nilza da Silva (2010) em seus escritos “A mulher negra”, a intelectualidade negra está profundamente atrelada com a trajetória dos movimentos negros. As pesquisas realizadas são utilizadas como instrumentos de luta contra o racismo sendo encarregados pelas conquistas dos ambientes, dentro e fora da academia, acatando às pendências desta parcela da sociedade. Discutindo com Nogueira, Passos e Cruz, (2013) Eles referem-se a importância em colocar que a pesquisa científica realizada por intelectuais negros e negras. Segundo os autores, este é um elemento essencial para a transformação da sociedade brasileira uma vez que a ciência como invenção social, deve ir além de compreender a realidade, mas também de torna-se referencial e intervir nela, considerando que as elucidações científicas possuem a competência de transformar o mundo.

Historicamente, nosso país foi edificado e estruturado sobre um regime escravista é com potentes relações com o sistema capitalista. E assim construindo um impedimento racial imposto a população negra. Mesmo perante a um discurso de democracia racial, nossa sociedade empurrou os sonhos e anseios do povo negro de ter uma vida respeitada e não lugares marginalizados.

Neste cenário de desigualdade, as mulheres negras tiveram suas experiências marcadas pela exclusão principalmente relacionadas aos espaços de poder, políticos, econômico, e acadêmicos. A sociedade nos mostra direta ou indiretamente que esses espaços não são para mulheres negras. Quando pensamos em cientista, o imaginário que se cria é repleto de características e adjetivos e nenhum deles está relacionado a uma mulher que possui a pele retinta.

A trajetória de boa parte das mulheres negras está constantemente marcada por impedimentos que o racismo nos confere. A primeira delas está acoplada a desigualdade de oportunidades em relação a outros grupos. Podemos perceber que majoritariamente, nós, as mulheres negras estamos em bairros periféricos, em escolas públicas e não temos condições para nos dedicarmos unicamente aos estudos.

A professora e doutora Joselina da Silva em seu artigo “Professoras Doutoradas Negras: O que nos dizem os indicadores sociais”(2010), pondera a respeito da presença de mulheres negras nos cursos de pós-graduação. Ela afirma que essa assiduidade diminui conforme os anos de escolarização aumentam, mostrando que um número mulheres negras que alcançam o doutorado e ainda muito baixo. A partir dessas informações, podemos identificar o quanto e difícil para uma mulher negra se tornar uma cientista/ pesquisadora. Apesar da grande

desigualdade de oportunidades e dos números ainda acanhados a respeito do avanço da presença de mulheres negras na ciência, hoje já conseguimos observar um maior número de mulheres negras galgando seus espaços no mundo científico. Reis (2008) afirma que de todos os sujeitos que sofrem algum tipo de preconceito ou discriminação, as mulheres negras são as mais afetadas. Isso fica claro quando verificamos uma hierarquia em que as negras estão sempre na base da pirâmide. Esse se torna um lugar pré estabelecido onde os homens brancos estão no topo, as mulheres brancas estabelecem-se abaixo deles, os homens negros estão abaixo delas, e bem na base encontramos as mulheres negras.

A transformação de pensamento da sociedade é essencial para o desenvolvimento mais democrático das ciências, em que homens e mulheres apresentem as mesmas oportunidades de atuação e crescimento. Para este estudo está sendo analisada a demanda de gênero, porém não se pode esquecer dos questões de raça, classe, etnia, entre outras que atravessam o meio científico.

Capítulo 2 RAÇA E RACISMO

Este capítulo objetiva realizar uma discussão sobre as questões de raça e racismo no Brasil e de como esse tem influenciado nossa sociedade ao longo dos anos. Designa-se também a entender como acontece o racismo dentro das instituições públicas de ensino, identificando como este interfere no caminho percorrido por mulheres negras até a chegada a Pós graduação.

Epistemologicamente o conceito de raça vem do italiano *razza*, que por sua vez vem do latim *ratio*. Como a maioria dos conceitos, o de raça passou a designar a descendência, a linhagem, ou seja um grupo de pessoas que têm um ancestral em comum. Munanga, (2004). O que é raça então? A palavra “raça” tem pelo menos dois sentidos, um biológico/ genético e outro sociológico. De maneira geral é interessante pensar em “raça” como uma construção política e social, que vem sendo construído historicamente através das relações de poder existente entre brancos e negros.

Ainda discutindo Munanga (2004) esse conceito passa verdadeiramente a intervir nas relações entre as classes sociais. Historicamente o conceito de raça inicialmente foi utilizado na Zoologia e na Botânica, com a intenção de legitimar as relações de superioridade e submissão entre as espécies. Neste sentido o conceito de raça é entendido como uma relação de dominação e sujeição entre as classes sem que existissem diferenças biológicas aparentes entre os sujeitos.

Segundo Pena (2005) do ponto de vista das ciências biológicas, o conceito de raça humana inexistente. Em outras palavras podemos dizer que os grupos raciais não são de natureza biológica e sim um conceito socialmente construído. A concepção de “raça” era, assim utilizada para definir a posição dos indivíduos e o racismo sustentava cientificamente a crença na superioridade e inferioridade a partir de características biológicas, mais especificamente cor da pele. As discussões relativas a raça no Brasil tem que ser realizadas por todos os grupos étnicos, uma vez que esse é um diálogo que envolve questões políticas, culturais e sociais necessárias a toda a sociedade brasileira. Discutir sobre desigualdade entre brancos e negros é evidenciar o humano que a sociedade a muito tempo desumanizou.

Dialogando com Jesus (2013) assim como outros processos discriminatórios as pessoas racistas apresentam uma “fobia a pessoas negras”. O seu formato mais evidente e

demonstrado através da população que o amarga. Uma vez que esse povo é constantemente desumanizado por aqueles que crêem na existência de raças superiores.

Com relação a raça Gonzalez (1988) explicita que ainda que ainda em meados do século XIX, o racismo se constitui como uma ciência da superioridade branca patriarcal. A esse respeito, Euclides (2017) analisa que por mais que as discussões a respeito de raça, aparentemente não sejam significativas, se faz necessário entender que não podemos desconsiderar o racismo existente no Brasil, uma vez que o mesmo delimita os espaços pelos quais os negros podem avançar.

O que nos priva de galgar maiores oportunidades, nos silencia e nos inferioriza enquanto negros. Gonzalés (1984) afirma que parte da população de homens e mulheres brancas enxergam as mulheres é homens negras apenas como “coisas”, seres sem valor, sendo assim elas podem ser usadas para realização de qualquer tipo de arbitrariedade.

Santos (2013) por sua vez nos indica que por esse motivo se faz tão importante desmistificar o racismo, quanto mais silêncio fazemos a respeito do assunto maiores proporções ele adquire daí a acuidade de se discutir para se superar essa questão. Mas para além do diálogo é interessante que se crie forças de combate ao racismo, só dessa maneira teremos uma sociedade democraticamente livre de preconceitos e mais justa para todos os povos.

Ao falarmos a respeito de racismo, inúmeras são as questões nas quais nos deparamos. Uma dessas questões advindas dos Estudos de Moore (2009) o autor afirma que muitas vezes ao pensar em racismo associamos o início da estrutura racista a escravidão dos africanos. Será que essa ideologia realmente nasce desse fato? Moore continua em seus escritos discorrendo que se analisarmos de forma mais sucinta a história percebemos que essa versão não é substancial. Ele argumenta que o racismo jamais deixaria de ser uma ideologia social e culturalmente construída a partir de características fenotípicas que torna um grupo dominante (brancos) e outro grupo dominado (negros).

É interessante perceber como funciona a estrutura do Racismo, muitas vezes um indivíduo que é um maravilhoso pai, amigo, filho cuida com afincos das pessoas desde que elas sejam fenotipicamente iguais, como uma pessoa como essa natureza aparentemente de um ser amável, pode ser insensível perante a uma situação de intolerância racial. Porém essa

insensibilidade não nisto, pois podemos percebê-la também diante de diversas outras momentos quando existe um indivíduo racialmente diferente.

Segundo o autor Moore (2009) em alguns casos não nos causa choque por exemplo ver um jovem negro ser assassinado pela polícia, também não nos causa choque ver metade da população negra sem acesso a saúde, educação, saneamento, enfim poderia citar aqui diversas situações em que a sociedade não se sensibiliza com a dor dos indivíduos quando eles são negros. Contudo a estrutura racista é negada de forma veemente pela sociedade. Dessa maneira são utilizados diversos adjetivos enfatizando a não existência de uma intolerância com relação a raça.

Ainda dialogando com autor acima citado, ele pondera que o racismo com todos os seus atributos produz os piores e mais variados tipos de violência contra as etnias tidas como inferiores. Conforme Moore (2009) o segregacionismo se desenvolve dentro de uma dinâmica de atitudes e de valores que se utilizam de ódio para permanecerem existindo. Infelizmente esse tipo de ideologia atravessam por séculos sem que se tenha uma explicação plausível para que eles aconteçam. Ele continua: Ele tem a função de realizar manutenção da hegemonia branca, mantendo fragilizados e impotentes aqueles caracterizados como subalternos. O racismo institui princípios, códigos e estruturas para que se mantenha o poder político e econômico centralizado nas mãos de um grupamento que afirma ser superior, em detrimento a etnia entendida como oprimida. Contudo o racismo cria folclores, protótipos, critérios, pré concepções que determinam valores éticos e estéticos, adaptando o que deve ser analisado como adequado, formoso e apropriado e, por conseguinte, aquilo que não é.

Precisamos refletir a respeito das várias teorias raciais que encontramos, uma vez que elas não dão conta das nossas especificidades. Como podemos dialogar a respeito da evolução da humanidade, se ainda diferenciamos brancos e pretos negando o direito de civilização a população negra. Sobre o racismo brasileiro:

No Brasil a discussão sobre o racismo brasileiro carece de superação do tabu, do recalque e do silêncio, do contrário cairemos em um racismo as avessas. Dado que o silêncio constrói representação capaz de servir como base ao próprio racismo no Brasil. Esse fenômeno, “manifesta-se em relação a quase todos os aspectos da vida brasileira, a começar pela educação. (Nascimento, 2003. Apud Crisóstomos e Reigota, pág. 98)

Temos uma grande parte da população não negra que nos diz que o racismo não é um fato real e que na verdade o que existe é um preconceito e uma discriminação social e não racial. Dessa forma a população afro descendente não seria vítima de discriminação pela cor da sua pele e sim pelo contexto social no qual está inserido. É interessante pensar, que muitos brasileiros vêem o racismo como algo natural, existe um hipotético pensamento de normalidade quando se assenta o negro em situação pobreza, da mesma forma nosso imaginário nos leva a acreditar que eles são indivíduos isentos de capacidade intelectual, responsabilidade e de vontade de trabalhar, para obterem melhores condições de vida. Essas questões foram-se naturalizando, assim como a tendência da população preta de ser perseguida pelas autoridades, pois se “é preto é malandro, ladrão, preguiçoso, além de outros inúmeros adjetivos relacionadas a cor da pele que conotam pejorativamente a população negra.

O sociólogo senegalês Alain Pascal Kaly (2001) corrobora que são muitos os pesquisadores pretos brasileiros que possuem histórias relacionadas a situações racistas que foram vivenciadas por eles em algum momento. O sociólogo define esse tipo de atitude como um racismo à brasileira. Essas histórias tão reais, tão verdadeiras e atuais acabam na maioria das vezes sendo silenciadas por aqueles que as experienciam. Ele continua nos ajudando a refletir que a violência vivida quase diariamente pela população negra faz com que possamos atentar sobre a necessidade de estudarmos mais a respeito da nossa própria história. Com o intuito que haja um maior entendimento a respeito das questões raciais que assolam nossa sociedade. A população brasileira é composta de mais de cinquenta por cento de negros (pretos e pardos), de acordo com os dados do IBGE. Infelizmente, o Brasil carrega consigo uma triste cultura racista que ainda hoje está enraizada em nossa sociedade. O preconceito e a discriminação se tornaram atos tão naturais no imaginário da população brasileira, que muitas vezes os indivíduos que os executam desconhecem (ou fingem desconhecer) ou simplesmente não percebem (ou fingem não perceber) que estão ferindo uma pessoa de forma tão intensa conforme Moreira (2013).

Em decorrência das questões raciais em que nos deparamos, parte da população negra acredita ser inferior por conta da cor de sua pele, essa baixa estima que carregamos se manifesta pelas inúmeras negativas que recebemos dia após dia ao longo dos anos por uma sociedade que ainda imagina que negro é incapaz conforme Bentes(2011). Dados do ministério da saúde traduzem em números como essa população ainda sofre com a questão do racismo e da discriminação racial que temos discutidos aqui.

Dentre os vários pontos discutidos aqui existe um que merece destaque, segundo Pinto (2008), Apud Silva (2013), *a aparência relacionada a falta de oportunidades e aliada a dificuldades financeiras e sociais, acaba sendo um modo constante de exclusão da população negra* (Silva, 2013, pág.:165) dessa forma fica claro “o lugar é o não lugar do negro”. como retrata o pensamento da escritora Lélia Gonzalez. (1988). Pinto, (2008), Apud; silva (2013) Continua suas reflexões discorrendo sobre o lugar do negro. Ela corrobora que o lugar do negro, não e outro a não ser a exclusão. Eles vivem à margem da sociedade desacreditados e incapacitados.

Ainda hoje existe o mito que a população negra está inserida nas subcamadas sociais, porque não se esforça o suficiente para ascender socialmente. Explicitando Lélia Gonzáles (1980): *cume que é?* Então os negros que vivem a margem da sociedade por falta de moradia, trabalho, e alimentação não são esforçados? Assim seguimos analisando que racismo é algo normal, e atitudes racistas, preconceituosas e discriminatórias são apenas brincadeiras inofensivas. Nós conformando portanto com a forma com que somos tratados. Isso sem dúvida acaba contribuindo para a desmobilização da maioria dessa população, nesse processo secular de enfrentamento ao racismo.

Munanga (2004) expõe que é imprescindível que possamos discutir e encarar a discriminação racial, mesmo sabendo que ainda temos um árduo caminho pela frente. O racismo nem sempre se apresenta de forma clara, existem locais que o imaginário não admite que a discriminação possa esta, mais ao olharmos de forma mais atenta veremos que o segregacionismo está sim, em lugares jamais esperados. Moore(2009) esclarece que uma sociedade racista é uma sociedade que objetiva manter suas regalias de forma unilateral privilegiando uma minoria branca e desprivilegiando a grande massa negra.

Com relação ao mercado de trabalho, segundo Crespo e Vilela(2014) a mulher negra é ainda mais desfavorecida que o homem negro isso porque dentro de uma escala as elas comprovadamente ocupam os piores postos de trabalho, como se isso já não bastasse, são as que apresentam as mais baixas remunerações. É essencial entender que em uma sociedade exerce o sistema capitalista onde o “ter” acaba sendo muito mais importante do que “ser”. O interessante é que o racismo contraria até mesmo a forma que age o capitalismo, isso porque mesmo que indivíduo “tenha”, se esse for negro ele sofrerá com o preconceito e a discriminação racial da mesma maneira, para o sistema que o racismo representa não importa

ser de classe abastada ou ser pobre, ser o indivíduo for preto experimentara o segregacionismo de todo aspecto.

Ainda dialogando com Crespo e Vilela (2014) verificamos que mesmo com o fim da escravidão negros e brancos apresentaram oportunidades distintas. Os pretos continuam a ter menos oportunidades em todos os aspectos. E isso fica claro nas questões sociais e culturais onde na maioria das vezes a inserção dos afro descendentes ainda é pequena. Na história recente do nosso país, entendemos que a relação entre brancos e negros é uma relação que durante muito tempo refletiu as desigualdades. O que é interessante é pensar que mesmo sabendo que o Brasil sofreu e ainda sofre com diversas questões raciais, boa parte da população realmente acredita (ou finge acreditar) que no Brasil o racismo foi extinto.

Santos (2013) discute sobre a dificuldade que ainda existe em nossa sociedade de um indivíduo negro galgar postos mais altos de trabalho. Ela continua afirmando que fazer uma graduação é uma enorme conquista. Porém se mostrar competente e se manter em uma posição de superioridade no trabalho isso sim é um enorme desafio para nós mulheres e homem negros. Assim como nos fala Gonzáles (1984) o lugar é o não lugar. O lugar do branco e o não lugar do negro.

Em diálogo com Bentes (2011) ela esclarece que é interessante pensar como ideal branqueamento mexe com o imaginário de toda uma população. É “natural” chamar um homem/mulher negra de moreno/morena com o verdadeiro intuito de não ofendê-lo. Assim podemos concluir que no Brasil, nós fomos treinados para negar nossa própria identidade. Em um país em que o racismo é veementemente negado devido a existência de uma pseudo democracia racial, querem nos fazer acreditar que os pretos têm os mesmos direitos que os brancos, e que aqui não existem desigualdade entre as raças. Sabemos que a população negra sofre com a discriminação, mais na verdade precisamos entender de forma real o significado dessa palavra. Discriminação é um substantivo feminino que significa diferenciar/ separar/ restringir/ excluir, assim podemos entender discriminação racial e o ato de excluir/restringir ou diferenciar uma pessoa por conta da cor de sua pele raça ou etnia (dicionário de língua portuguesa Aurélio).

No Artigo 7º da declaração universal dos direitos humanos criada em 1948 constata que “Todos são iguais perante a lei, e têm os mesmos direitos sem distinção, todos têm direito a igual proteção contra qualquer discriminação que viole a presente declaração. (Declaração universal dos direitos humanos)”. Portanto, existem leis que protegem contra os

diversos tipos de discriminação, porém no cotidiano o preconceito e a exclusão são vivenciadas diariamente por grande parte da população negra. Chega-se à conclusão que a tão sonhada e discutida democracia racial ainda é um mito. Santana (2011), discute a respeito do que envolve a temática racial. Segundo ela, isso se dá porque uma grande parte da população ainda encontra dificuldade para falar de racismo e de como ele processa-se. Os pensamentos da autora nos levam a refletir por que em um país tão miscigenado como o Brasil, o racismo e a discriminação racial ainda perduram.

Segundo Guimarães (2006) durante anos parte da população permaneceu com o discurso que no Brasil não sofria com o racismo. Mais se retrocedemos até o século XIX vai ser possível verificar um período onde um conjunto de pessoas que dominavam a política e as ciências, uniam-se para afirmar que a população negra era desqualificada para realizar trabalhos e serviços mais minuciosos. Dessa forma esses indivíduos interligavam o possível “atraso” que o Brasil tinha em relação a outras colônias ao público de negros.

Segundo os escritos do autor Antonio Sérgio Alfredo Guimarães, (2006). No Brasil não existem raças, para nós a questão de raça é algo relativo, o importante aqui é a questão da cor, existem abundância de cores, somos valorizados ou não a partir da cor da nossa pele, nossa classificação é de acordo com a cor e não com a raça. Quanto mais nos aproximamos da coloração “ideal” menos vamos sofrer com o racismo e suas ramificações.

Ao discutir com Carvalho (2007) ele afirma que contrário de muitos outros países no mundo, no Brasil não existe limite, que transforme um negro em brancos a não ser a cor da pele, em nosso país uma gota de sangue branco pode tornar alguém branco. Seria justamente o oposto do que aconteceria nos Estados Unidos. Caso um indivíduo possua uma gota de sangue negro, mesmo que não apresente a pele escura, ele será sempre visto como um negro e desvalorizado como tal. Tais idéia pressupõe uma categorização racial e não biológica.

2.1 Discutindo Racismo institucional

O objetivo deste sub capítulo é investigar como se dá o processo de sustentação do racismo institucional na sociedade brasileira, por meio de políticas desiguais e tratamento destoadado entre negros e brancos em diversas áreas de atuação, tais como educação, trabalho e

segurança. O racismo faz-se presente nas variadas relações, não somente como seqüela de uma mera discriminação contra os negros, mas na qualidade de prática ideológica de controle e sustentação do poder que assegura a dominação sobre pessoas que acredita-se serem inferiores. O preconceito e a discriminação fornece uma terra produtiva para o ampliação do racismo. A discriminação, enquanto conduta de exclusão social, estabelece no modo mais presente expressão do racismo, tendendo a extrapolar as relações interpessoais e integrar com práticas institucionais.

Segundo Pace e Lima (2011) o racismo institucional pode ser entendido como uma falha organizacional, onde se possui dificuldades em prover um serviço profissional adequado para as pessoas de cor, cultura ou origem étnica diferentes das do padrão social existente. Dentre os diversos formatos de identificá-lo podemos mencionar atitudes e condutas racistas, e tratamento e ações discriminatórios praticados contra determinados sujeitos. Por outro lado, podemos percebê-lo também através da ausência de garantia do uso dos direitos constitucionais, pertencentes a todos os cidadãos, brasileiros.

Em seus escritos Passos (2012) reflete que o racismo institucional permite entender o preconceito, mesmo quando vivenciado por um indivíduo específico. Um acolhimento visivelmente democrático, é aquele que é igualitário entre brancos e negros. Caso contrário fica claro a existência da superioridade de um grupo e a subordinação de outro.

Ainda discutindo Passos (2012) Combater o racismo institucional simboliza enfrentar um elemento constituído histórica e socialmente, de superioridade política, social, econômica, religiosa, cultural. O principal administrador da segregação racial é o Estado. Com a intenção de sobrepujar e restringir o acesso da população negra, desde a aquisição da casa própria até a entrada em funções e recintos de poder, como a universidade por exemplo.

Dessa forma, a superação do racismo institucional estabelecerá mais do que pequenas transformações de atitudes preconceituosas de indivíduos, grupamentos ou instituições, que alimentam-se dos preconceitos e que são igualmente por eles nutridos. A mudança vai muito além da assimilação, mas para chegarmos à mudança, carecemos percorrer o caminho da igualdade entre os povos independentes das características fenotípicas.

Ainda dialogando com Passos (2012) uma instituição que não está preparada para entender as necessidades de grupo, em função da sua origem étnico-racial, excluindo-os, não acolhendo suas necessidades ou não gerando a designação necessária para o

atendimento às suas particularidades, pode-se dizer que nesta, atua o racismo institucional. O conceito de racismo institucional, foi abraçado pelo Programa de Combate ao Racismo Institucional (PCRI), é esse programa é uma formidável ferramenta na promoção de ações que previnem, identifiquem e extirpem as práticas racistas realizadas pelas organizações e instituições que impedem a neutralidade das ações de combate ao segregacionismo.

Segundo Santos (2012) o racismo institucional é dissimulado por meio de organismos e táticas presentes nas instituições, explícitos ou não, que impedem a presença do negro em tais espaços e impossibilitam a presença do Estado onde existe maior centralização da população negra. O acesso de pessoas pretas a determinados estabelecimentos é dificultado, mais não por regras aparentes, mas por obstáculos formais, atuantes nas relações sociais que se refletem nos espaços institucionais. A ação é sempre muito hostil, uma vez em que atinge a dignidade humana, instaurando-se no cotidiano das organizações gerando desigualdades.

O racismo institucional atua nos estabelecimentos públicos e privados mostrando às formas como estas funcionam. Ele não se expressa por ações explícitos ou assumidas de discriminação, ao contrário na maioria das vezes se manifesta de forma dissimulada, norteados por motivos raciais, mais sua atuação é disseminada no funcionamento cotidiano, dificultando o acesso e permanência de negros e negras em instituições e organizações.

Discutindo sobre a trajetória do preconceito e racismo no Brasil, Pace e Lima (2011) afirmam ainda que a escravidão tenha deixado marcas intensas na sociedade de forma geral e nas associações de negros em particular. A insistência do preconceito é do racismo são decorrências do modelo econômico e social perfilado pelo Poder Público, que revela uma íntima ligação com o racismo institucional.

O conceito de racismo institucional foi definido na década de 1960, nos Estados Unidos, para explicitar como se explica o racismo nos mecanismos de organização da sociedade e das instituições. Para descrever os interesses e ações de exclusão estabelecidos pelos classes racialmente dominantes. Uma das variadas acepções para esse tipo de racismo nos é apresentada por Crisóstomo (2010) quando afirma que:

É toda forma de ocorrência que coloca em uma situação de desigualdade um coletivo, neste caso, um coletivo étnico. Ele não difere dos outros tipos de racismo, mas ele acontece através das instituições, coisa que não estamos acostumados a perceber. Então o processo

de desenvolvimento institucional privilegia determinado tipo de grupo étnico em detrimento de outros. O racismo institucional pode ser encontrado, por exemplo, na hora das contratações no mercado de trabalho ou quando o Estado deixa de eletrificar determinada comunidade rural, ribeirinha, e desenvolve a mesma eletrificação em uma outra comunidade étnica. (CRISÓSTOMO, 2010, p.1) .

O racismo institucional pode ser facilmente identificado em nosso sistema educacional, à medida que se constitui uma reflexão a respeito da má distribuição de renda, que ainda hoje, é um fator que determina as desigualdades sociais e raciais tendo como implicação, um dos principais apontadores da pobreza em nosso país. Essa dessemelhança na econômica reflete-se na condição de vida das pessoas, enfatizando a persistente disparidade entre negros e brancos, especialmente quando falamos em educação.

A existência de uma política que exclui a população negra, o que caracteriza uma constatação do racismo institucional que é exercitado pelos mecanismos públicos e privadas do país. O que o distingue do racismo individual, é a forma com que preconceito e a discriminação são praticados. O primeiro é o definido pelo tratamento distinguido entre negros e brancos em variadas áreas de atuação: educação, saúde, trabalho Por exemplo, já no segundo podemos destacar alguém que se acha superior ao outro por conta de sua raça/etnia.

Coelho (2003) dialoga que o racismo dentro das instituições é revestido de uma falta de atenção. Essas são logo esclarecidas uma vez que se trata de discriminação étnico racial. Segundo Munanga (2006) existe a necessidade de se enfrentar de forma consciente o racismo institucional. Mesmo que ele seja manifestado de forma a tentar suavizar sua real proposta. Esse enfrentamento se faz necessário para que se possa pensar, discutir e propor iniciativas que favoreçam a eliminação/ diminuição do racismo dentro das instituições.

Gomes (2010) em seus escritos afirma que racismo é a aversão que um indivíduo tem pelo outro, ou por um grupo. Outra forma é vê-lo como um ódio gratuito e sem motivos que se nutre por pessoas que nem conhecemos, apenas por que elas são diferentes de nós em suas características cor, cabelo, estrutura entre outras diferenças existentes entre os seres humanos. Segundo a autora Segregacionismo e discriminação racial não são sentimentos inerentes à vida humana. Eles são social e culturalmente aprendidos. Ninguém nasce racista ou isso ocorre através dos quesitos socialmente aprendidos.

Podemos elucidar que o racismo como um grupamento de discriminações e preconceitos que pretendem depreciar aqueles indivíduos fenotipicamente inferiores. A entrada de negros e negras em um espaço hegemônico, ainda hoje é considerado um ato de resistência por parte da população negra. É importante que haja uma ruptura de condutas que segregam e desvalorizam a população negra.

Moore (2009) afirma também que cada indivíduo pode suprimir suas concepções racistas. E o que podemos verificar ao longo dos anos, que o racismo vai mudando de acordo com percepção dos indivíduos. Ou seja, o retrocesso do racismo apenas irá acontecer a partir da conscientização particular de cada sujeito. O segregacionismo passa assim a ser um artigo imutável, pois foi um produto social e historicamente construído e por esse motivo é algo que dificilmente será abolido.

Segundo Silva (2013) o racismo trouxe não só para as participantes dessa pesquisa, mais para outras milhares de crianças e jovens negros danos irreversíveis a saúde emocional é em muitos casos até a saúde física. Algumas vezes foram ignorados outras vezes isolados e esquecidos, assim muitas dos nossos pequenos, jovens é adulto vivenciaram e ainda vivenciam a discriminação racial.

O racismo institucional retira dos indivíduos direitos fundamentais para sobrevivência humana, penaliza o mesmo quando finge não fazê-lo. É injusto e mais muitas vezes aparenta ser justo e real mesmo quando muitos falam e agem como se fosse ilusório. Ainda discutindo a respeito de racismo institucional Bentes (1993) estabelece que a reprodução do racismo institucional só acontece quando a sociedade não cria políticas efetivas que oportunizam igualmente de direitos entre negros e brancos, mulheres e homens. As mulheres negras sofrem com esse tipo de segregacionismo ainda mais do que os homens da mesma etnia, pois ele limita essas pessoas a postos inferiores de trabalho, a falta de escolarização, subtraindo delas muitas vezes o direito a uma formação acadêmica pois socialmente e culturalmente existem territórios que não são instituído para elas.

Gomes (2010) Também discute a respeito de racismo institucional. Ela afirma que o racismo institucional não faz nada além de isolar indivíduos negros. Esse isolamento acontece com determinados grupos étnicos que se mantêm superiores nos mesmos postos de trabalho, nas mesmas unidades escolares. É a falta de representatividade em meios de cultura (teatro, televisão, livros didáticos). Outra questão interessante de pensar com relação a esse tipo de segregação é: uma enorme ausência de histórias positivas que referem-se ao povo negro é

como se nossa sociedade apontasse tudo que preto como algo somente negativo. Ainda dialogando com Gomes (2010) ela discorre a respeito de racismo institucional como uma forma cruel e desumana de perpetuar as desigualdades entre negros e brancos dentro das instituições.

Essa herança étnico racial que contemos em nosso País submete aqueles considerados inferiores ao cerceamento das infinitas possibilidades de ascensão, social, profissional e educacional. Um ponto importante a ser analisado é que o racismo está estruturado de forma tão arraigada que se faz presente em diferentes segmentos e locais. Bentes(1993) esclarece que tanto racismo como discriminação racial estão intimamente ligados a características fenotípicas. Ela continua discorrendo que as denominações negro/preto remete ao imaginário social tudo aquilo que é negativo. Sabemos o mito da democracia racial faz com que o racismo muitas vezes se camufle de forma perspicaz, com a intenção de ocultar a realidade racial em que vivemos.

Para além das nossas compreensões, o racismo institucional força e reforça a segregação e o isolamento das pessoas negras desmerecendo e desconsiderando suas contribuições intelectuais e acadêmicas. Ele concebe a aqueles que se julgam superiores, terem um olhar de menosprezo e desqualificação a aqueles que supõem ser inferiores. Nesse tipo de racismo as mensagens são enviadas direta e indiretamente, de forma explícita ou disfarçada. O mais importante nesses casos é que os negros e negras percebam que não são bem vindos em determinados locais onde somente os brancos podem freqüentar.

Segundo Silva(2013) o racismo institucional associa-se a outras formas de preconceito e discriminação com desígnio de danificar /arruinar qualquer tipo de ascensão que a população negra poderia ter esses e outros fatos nos permite perceber que o racismo está entranhado no contexto em que vivemos.

O racismo não é apenas a não aceitação de um indivíduo com características fenotípicas diferentes. Ele na verdade insensibiliza as pessoas pelo fato de as considerarem inferiores a determinados grupos. Existe uma acelerada necessidade de que a sociedade crie ferramentas para que ocorra de forma concreta o combate as ideologias racistas que estão cada vez mais presentes em nossa comunidade Moore (2009)

Compreendemos que o Racismo é uma estrutura que se perpetua com o passar do tempo. Percebemos também que suas ações ocasionam danos a população negra até os dias de

hoje. Há alguns anos o Brasil vem lutando para que ocorra uma ampliação das ações sociorraciais, porém o enfrentamento contra o Racismo ainda é frágil e comedido.

José Jorge de carvalho (2007) discute a questão da negritude nas Universidades e esclarece que as universidades foram criadas para um público alvo e esse público não são homens e mulheres negras. Ainda dialogando com Carvalho (2007) percebemos que a partir das análises realizadas nas universidades analisadas todas apresentaram menos de um por cento de docentes negros. O autor afirma que existem universidades públicas com um número ainda menor de professores afrodescendentes. Ele discorre a respeito de como a academia ainda é resistente quando se trata de falar sobre a existência do racismo institucionalizado.

Segundo Carvalho (2007) a situação de confinamento racial vivida por nós a décadas não permite a expansão da entrada de docentes negros nas instituições públicas de ensino, ele discorre também que essa é uma herança que já carregamos e ainda levaremos durante muitos anos. O autor realizou um censo em aproximadamente sete universidades públicas bem conceituadas das quais existem aproximadamente cerca de 18.000 mil professores, no ano de 1999. Destes noventa e nove por cento são brancos e em média um por cento são negros. Esse é um número que assusta a princípio pela quantidade mínima de professores negros, mais no cotidiano são poucos que realmente percebem essa disparidade entre negros e brancos no ensino superior. Carvalho também diferente das universidades dos Estados Unidos que foram obrigado a se adequar e a “incluir” por força do estado. No Brasil não existe uma obrigação legal para essa inclusão, pois para todos os efeitos vivemos em um país onde existe uma democracia racial e por esse motivo não temos que incluir aqueles que (para todos os efeitos) não são excluídos

Países como a África do Sul e os EUA, são países mundialmente conhecidos por serem racistas, e os mesmos vem avançando desde a década de 90 com relação as políticas de igualdade entre as raças. Já o Brasil que é considerado um país mestiço, ainda anda lentamente com relação as mesmas políticas. A Nação dos mestiços é um dos países que menos avança com relação a eliminação da segregação, enquanto isso os povos declaradamente segregacionistas avançam mais rapidamente com relação a inclusão de raças, inclusive no mundo acadêmico.

Foi em meio a toda essa turbulência que as universidades públicas do Brasil tornaram-se instituições brancas. Carvalho (2007) discute a falta de professores e representantes negros dentro das instituições acadêmicas como falta de neutralidade. A academia nunca foi neutra é

uma academia branca que discute ou diz discutir as questões raciais levando em consideração os anseios do povo negro.

Em seus escritos “Racismo e anti-Racismo no Brasil” Guimarães (1995) afirma: Os brasileiros acreditam viver em um país onde prevalece a chamada democracia racial, porém o que é importante entender aqui, é que o racismo ainda é um tabu, melhor que não se discuta, mais quando se é discutido acaba sendo ignorado pelo fato de vivermos em um país que existe uma democracia que une todas as raças.

Outro ponto que Gomes (2010) esclarece e que não podemos acreditar que pretos e brancos são tratados como iguais em nosso país, uma vez que é nítido que o tratamento entre as etnias é diferenciado em todos os aspectos sociais, culturais e educacionais. Ao mesmo tempo em que se nega o racismo se perpetua a discriminação. Segundo Moore (2009) os grupos que se opõem ao racismo ajudam no seu enfraquecimento. Mas o ele não é algo que se elimina facilmente, ele se modifica a partir do tempo. É uma ideologia que vai mudando seu formato. Refinando-se a partir das condições de cada época. É fundamental que as políticas elaboradas a partir da existência de uma democracia racial no Brasil, não levavam em consideração a questão da escolarização do negro brasileiro, assim podemos entender que nosso país está longe de ter uma qualidade escolar onde pretos e brancos têm a mesma oportunidade de acesso.

É importante analisar também, de acordo com Artes e Ricoldi(2015) que a entrada do negro nos cursos de graduação se deu com mais intensidade a partir dos anos 2000, e os cursos que receberam essa população, foram os cursos menos privilegiados, o que significa dizer que a universidades ainda é o não lugar da população negra. Por mais que já tenhamos avançado, a universidade ainda não recebe de bom grado os homens e mulheres negras.

[...] no pensamento dos racistas, a cor preta é tida como uma essência que escurece, atingindo negativamente a mente, o espírito, as qualidades morais, intelectuais e estéticas das (populações não brancas, em especial as negras. MUNANGA, (2008, p.15).

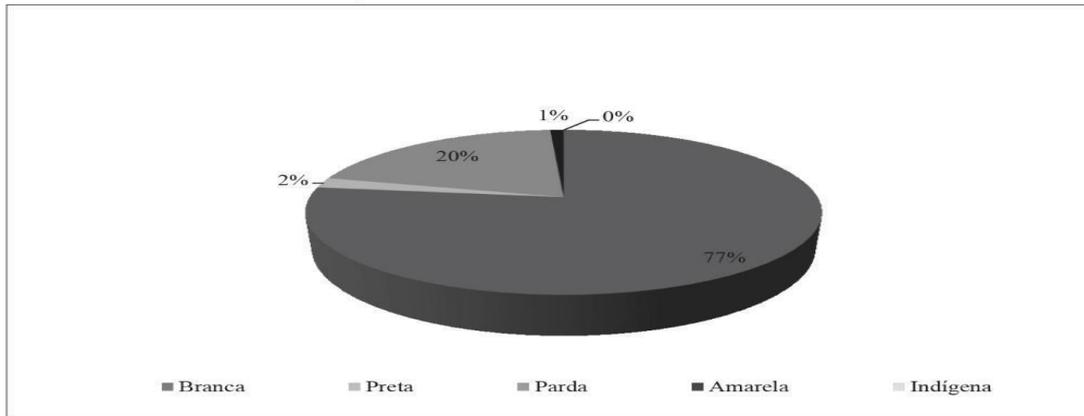
Assim manter a população negra fora de espaços importantes como universidades e um fator extremamente fundamental para aqueles que acreditam que existe um lugar que é só

deles, e um outro lugar que é só nosso. A partir da narrativa de todos esses fatos Silva (2013) pondera a respeito da exclusão das mulheres negras dizendo que elas fazem parte de um grupo socialmente excluído e sub representado principalmente no que diz a respeito ao espaço acadêmico e a produção de conhecimento científico. Ainda dialogando com as idéias de Silva (2013) também expõe que as essas negras tem a difícil tarefa de lidar com diferentes tipos de preconceito entre eles o racismo, machismo, etnocentrismo e eurocentrismo. De tal modo existiam diversos desafios, um deles era o de serem aceitas no meio acadêmico/científico, além disso elas tinham outros desafios ainda mais complexos que é de transpassarem situação de serem as babás/domésticas e transformarem-se em professoras educadoras produtoras de conhecimento.

Segundo Arboleya, Cielo e Meucci(2015) em alguns momentos o racismo institucional pode agir de maneira bem sutil, mostra que é crescente o número de professores negros na educação básica, cerca de 60,52%. Ora é só analisaremos que a medida que a educação básica se transforma em uma profissão cada dia mais precária é natural que os indivíduos mais bem favorecidos, mais bem qualificados educacionalmente, abandonem esse ofício e busquem carreiras que lhes garantam melhores condições de trabalho e renda. Em contrapartida o número de professores negros no nível superior 0,03%². Todos esses dados anunciam uma desigualdade racial que se aprofunda quando se avança aos níveis de escolaridade recaindo na questão fundamental desta análise, a carreira docente universitária de mulheres negras. Essa carreira é considerada o auge da ascensão intelectual. Povoar essa posição é particularmente significativo.

No início dos anos 2000, diversas universidades públicas expunham aproximadamente 1% de docentes negros em seus quadros operacionais, o que podemos designar de confinamento racial do âmbito acadêmico. Os autores citados acima discorrem que existe uma invisibilização do racismo nas universidades, assim a escassez de negros torna-se natural tanto na docência, quanto nos cursos de pós-graduação. Mesmo com todos os avanços presentes na última década e na expansão do ensino universitário, a presença negra na docência superior permanece imperceptível. Gráfico I abaixo representa o número de docentes por cor e raça.

² Dados do DIEESE, 2014



Fonte: Inep - Censo da Educação Superior (2012).

Ainda segundo os dados do INEP (censo de educação superior) Em 2012 dos 50.145 docentes negros pertencentes a base de dados do Inep, somente 33,9% estavam em instituições públicas de ensino; a maioria deles era masculina (54,43%) e, apresentavam a titulação de mestres: 43,09% (Inep, 2012). A partir dessas informações podemos identificar que apesar da abrangência que o ensino superior vem conquistando a presença de negros ainda é bastante inaudível

Segundo os autores Arboleya, Cielo e Meucci (2015) a cor da modernidade era a branca dessa forma quando as universidades nasceram, o ambiente que se apresentava já era uma atmosfera racista e excludente, que desconsiderava a presença de homens e mulheres negras na educação brasileira. Um fator importante então é que a universidade pública tenha sido criada com o intuito de abranger a camada branca da população. Bourdieu (1995) discorre que mesmo que a educação hoje, seja importante para que ocorra uma maior permanência social, ela age também como uma reprodutora das diversidades principalmente com relação a raça

No entanto as oportunidades de romper com a estrutura tradicional das desigualdades entre as raças são extremamente frágeis e se expressão através da condição em que vivem a população negra, excluídos da possibilidade de alcançar níveis sociais mais elevados. Dessa forma se a educação cresce nas possibilidades do negro acessar o mercado de trabalho, a mesma não possibilita a eliminação das desigualdades, isso porque o racismo de forma geral atua articulado ao mito da democracia racial, que nos consentem acreditar em uma pseudo igualdade entre negros e brancos.

Há muito se amparava a escolarização como formato importante de afirmação da identidade dos negros. Mas somente isso não era o satisfatório para ultrapassar a

subalternidade. O admirável é que o Estado fizesse mudanças significantes no formato educacional incluindo as peculiares da população negra no currículo escolar desvantagens raciais atuam sobre as trajetórias educacionais dos negros, e pela desigualdades de oportunidades educativas existentes entre eles.

Em seus escritos “Educação para uma vida melhor: trajetórias sociais de docentes negros” os autores Arboleya, Cielo e Meucci (2015) corroboram a existência de um enorme desentendimento na afluência escolar do negro, percebido principalmente pela elevada evasão escolar, produto não de inabilidade, mas das diferenças expressivas no acesso à educação, de homens e mulheres negras, E é a partir disso que o racismo se perpetua com cada vez mais força.

Em seus estudos Bourdieu (1995) aponta para o processo principal da segregação sem formalidades vivenciado pelos negros de forma geral. A expansão do acesso à educação não generaliza a qualidade da educação. Existe uma acentuada diferença entre escolas da periferia, freqüentadas por negros e pobres, e escolas das zonas privilegiadas, freqüentadas pelas classes altas e abastadas. Assim age o racismo institucional, que sustenta os elementos de distinção no acesso ao ensino superior, e se estabelece diferente para pretos e brancos

A carreira universitária é ponderada como o auge da ascensão intelectual quando o indivíduo está inserido em instituições públicas, essas permeiam o racismo institucional, enquanto acontecimento estrutural e emblemático. Permanecemos cientes de que o caminho de enfrentamento ao racismo iniciado anos atrás está apenas começando a ser trilhado. Seguro do compromisso de combate a todas as formas de racismo/racismo institucional, apresentamos essa discussão, com o objetivo que ela seja importante e produza maior consciência sobre o problema do racismo e discriminação enfrentados pela população negra que até hoje é submetida a tal situações.

O racismo institucional é uma prática silenciosa de discriminação racial, e também bastante eficiente. Ele é mais que um sistema de idéias, é um projeto social ajustado na conservação dos privilégios de um encurtado grupo hegemônico e dominante, identificado por peculiaridades fenotípicas e culturais, específicas de um povo. Grande parte da população negra, que após centenas de anos de escravidão e discriminações raciais, ainda encaram no seu dia-a-dia demonstrações institucionais que reproduzem a antiga premissa da sujeição do negro.

Em um país que atravessou um século acreditando na existência de uma democracia racial, também amplificou formas de discriminação que não se materializam em dizeres de “Proibida a entrada de negros”. O racismo institucional, além de resistir, enquanto um projeto institucional, consciencioso “ou não”, ele ainda determina uma decorrência coletiva, que atinge, a população negra.

Esses indicadores demonstram que o racismo, independentemente de qualquer outra variável, ele se institui em nossa sociedade, colocando a população negra em situações de total vulnerabilidade. Ele continua a ter a menor admissão a direitos e benefícios que deveriam ser garantidos a todo o povo brasileiro. E são esses conjuntos de direitos que o Estado tem a obrigação de assegurar (mas ainda não o faz de maneira adequada) a essas pessoas. O que o racismo institucional determina não é só a falta de acesso ou ascensão as camadas minoritárias, mais sim a deficiência de qualidade aos serviços e direitos, é também a perpetuação de uma condição estrutural de desigualdade.

No capítulo a seguir discutiremos um pouco mais a respeito da trajetórias, profissional e acadêmica das docentes entrevistadas nesse estudo

Capítulo 3 PROFESSORAS DOUTORAS NEGRAS: SUAS LUTAS E CONQUISTAS

Essa longa espera tem muito a ver com esse imaginário Que se faz da mulher negra, que a mulher negra samba muito bem, dança, canta, cozinha, faz sexo gostoso, cuida do corpo do outro, da casa da madame. Mas reconhecer que as mulheres negras são intelectuais em vários campos do pensamento, produzem artes em várias modalidades, Isso o imaginário brasileiro pelo racismo não concebe. Para uma mulher negra ser escritora é preciso fazer muito Carnaval primeiro. (Conceição Evaristo em entrevista concedida para Djamila Ribeiro ao Blog # Carta Capita.1)

Início esse capítulo com fragmentos da entrevista da poetisa Conceição Evaristo com o intuito de apontar que essa pesquisa objetiva resalta presença de mulheres negras no ambiente acadêmico, destacando a trajetória das professoras entrevistadas que hoje estão inseridas nos cursos de pós-graduação em Educação e Relações Raciais. Salientando que elas romperam as barreiras que possam ter surgido, passando a ocupar um lugar que antes foi determinado para outros sujeitos sociais.

Um dos desafios deste capítulo é perceber, e ao mesmo tempo expor, como ocorre o racismo dentro das instituições públicas de ensino superior. Além disso, como esse acontece quando o sujeito é uma mulher negra. Esse capítulo subdivide-se em três tópicos, que trazem os relatos das trajetórias das nossas entrevistadas. Aqui buscamos agrupar reflexões, idéias e discussões a respeito de como as mulheres negras descrevem suas experiências. Para tal utilizamos os relatos de quatro mulheres negras professoras de pós-graduação em instituições públicas do Rio de Janeiro. A finalidade aqui é discorrer a respeito da trajetória de nossas entrevistadas, trazendo a tona como foi seu “guerra” contra o racismo para chegar a docência superior.

O intuito é de analisar as trajetórias acadêmicas e profissionais de cada uma delas, lembrando que cada professora construiu um caminho individual, único e particular, portanto, não pretendemos aqui simplesmente comparar as experiências nem tampouco arquitetar generalizações. Entretanto, convém enfatizar que, embora a história de vida de cada uma delas se institua como uma história individual, ela também é coletiva, pois se trata de uma história vivida coletivamente por maioria delas, localizada num determinado contexto cultural, histórico e social. Nesse sentido, procuramos encontrar pontos de incidência nas

trajetórias de vida das entrevistadas, que revelam experiências similares, ainda que vividas de formas distintas por cada uma das professoras. O objetivo principal deste estudo, é destacar a trajetória que marca a vida, e a relevância que as mulheres negras têm trazido para o campo das pesquisas institucionais. Dessa maneira, nossa proposta é investigar a partir dos diversos questionamentos existentes, o perfil das mulheres negras que possuem doutorado e que estão inseridas nos cursos de pós-graduação em Educação e em Relações Raciais nas universidades públicas do Estado do Rio de Janeiro.

Ainda dialogando com Santos (2006) a autora afirma, que na primeira república as professoras negras enfrentaram um grande desafio para serem admitidas em escolas primárias, mais para além das dificuldades para admissão, as mesmas precisam comprovar que eram competentes e esforçadas o suficientes para assim garantirem sua permanência na função. Ainda hoje esse tipo de comportamento acontece, só que agora, incide em todos os níveis de escolarização.

Com relação à entrada do negro na universidade, as discussões ampliaram-se durante a década de setenta onde militantes dos grupos e de movimentos negro já chamavam a atenção para as desigualdades educacionais que excluem o negro do meio acadêmico. A autora ressalta ainda que é pequena a participação das professoras negras no Ensino superior. Essa trajetória é historicamente negada pelo pertencimento racial. Entendemos ainda que exista um caminho extenso, mais aos poucos barreiras vão sendo quebradas e conquistas realizadas.

Santos (2006) reafirma, que para uma mulher ou homem negro ser um professor universitário é algo que nossa sociedade não entende como natural, por que existe um imaginário socialmente construído que aquele não é para negros. Ainda discutindo a exclusão das mulheres negras no ensino superior Oliveira(2006) citando Silva(2013) esclarece que a que se refere ao ensino superior as negras são aquilo que chamamos de inadequadas, porque esse é um espaço tradicionalmente ocupado por homens brancos em um passado um pouco mais recente, foram sucedidos por algumas poucas mulheres brancas, não havendo assim espaço para mulheres e homens negros[...]. A classe universitária brasileira ainda não parou para pensar a sua condição branca excludente. Porque a academia se espelhe na Europa e nos Estados Unidos, imagem que fazemos de um acadêmico não inclui um negro e não temos nenhuma imagem da academia na África. Basicamente esta é a imagem, assimilada e

reproduzida acriticamente, do que é o mundo universitário no Brasil. Carvalho (2002, p. 83-84), Apud Silva, (2013).

Com relação a discussão das mulheres negras na produção de conhecimento científico Gonzáles, (1980) Afirma que quando falamos do “não lugar, ou lugar natural, não e de agora que entendemos que pretos e brancos possuem lugares diferenciados em nossa sociedade (dominador/ dominado). O que significa que elas não tem lugar quando o assunto e produção de conhecimento. Gonzáles, (1980) continua que como já era de se esperar, o lugar dos brancos, que são um grupo hegemônico, são locais onde as pessoas podem desfrutar de conforto, qualidade na educação, na moradia, na segurança, mais e claro nada mais justo não e mesmo? e necessário que essa divisão racial do espaço exista, só assim cada um fica no seu lugar, sem misturas sem problemas....

E qual é o lugar do negro então? Ou melhor qual o lugar da mulher negra então? Como já se pensava, o lugar natural do negro é evidentemente contrário ao do branco. O que significa os negros podem vivenciar a falta de segurança nos guetos e favelas, morando em barracos de madeira, ou em condições precárias, má qualidade na educação estudando em escolas sem as mínimas condições estruturais que não garantem o processo ensino aprendizagem ao educando, “*o não lugar*” toma um formato mais esclarecedor, pois a partir daí conseguimos identificar o não lugar do branco que naturalmente é o ambiente do negro, um não pode se misturar com o outro. (Gonzalez, 1980).

É importante analisar também, de acordo com Artes e Ricoldi, (2015) que a entrada do negro nos cursos de graduação se deu com mais intensidade a partir dos anos 2000. E os cursos que receberam essa população, foram os de menos prestígio. O que significa dizer que a universidades ainda é o não lugar da população negra. Por mais que já tenhamos avançado, a universidade ainda não recebe de bom grado os homens e mulheres negras. Como diz Munang(2008, p.15) “no pensamento dos racistas, a cor preta é tida como uma essência que escurece, atingindo negativamente a mente, o espírito, as qualidades morais, intelectuais e estéticas das (populações não brancas, em especial as negras.”.

Parte da sociedade em que vivemos, ainda não acredita na capacidade e no intelecto dos indivíduos negros, mas se fizermos uma análise um pouco mais complexa perceberemos que a desconfiança e a incapacidade dessas pessoas, são questões construídas para desqualificar e podar o acesso da população negra a postos de trabalho que exigem uma complexidade maior de execução. Tudo isso por que existe um estereótipo de como deve ser

um professor universitário, como deve se vestir, que cabelos tem que usar. Qualquer coisa que estiver fora desse padrão não merece a confiança de alunos e dos demais professores. Uma das professoras entrevistadas nesta pesquisa discorre a respeito do estereótipo a ser seguido enquanto professora universitária.

Quando entrei para universidade percebi que as pessoas estranhavam o jeito que eu me vestia. Mas estranhavam principalmente o meu cabelo, por que eu sempre fui assim sabe..desse jeito. Nunca gostei muito de usar química como não uso até hoje...tive que fazer adaptações...mas não no cabelo. (Aziza. Entrevista realizada em 2018).

Percebemos que nossas professoras mesmo já tendo criado seu espaço como docentes universitárias, ainda tem que realizar adaptações para serem respeitadas como tal. Assim como exemplifica Santos (2006), mesmo na docência superior podemos constatar que o racismo ainda é fortemente praticado e intencionado a desmerecer os professores negros. Outra de nossas entrevistadas também fala a respeito de ter sido desrespeitada por conta de suas vestimentas Aysha afirma:

Nossa sobre isso acho até engraçado, um dos meus colegas de profissão me disse “Aysha você é uma negra linda se você não fosse descabelada seria ainda mais bonita... Em outro momento um outro colega de profissão disse: “Nossa como essa mulher anda colorida”... mais eu não senti necessidade de adaptar nem minhas vestimentas nem meu cabelo se não perderia minha identidade enquanto mulher negra.(Aysha. Entrevista realizada em 2018)

Outro ponto que Santos (2006) esclarece é que mesmo após já terem ultrapassado as barreiras escolares e estarem em ascensão os negros ainda encontram dificuldade em se sobreporem nessa sociedade somente devido a cor da sua pele. Dessa maneira tornar-se uma professora universitária é sobrepujar/sobrepôr as intempéries sociais. É claro que isso não significa o fim do preconceito e da discriminação sofridas. Notadamente por que mesmo os negros que pertencem a uma classe social mais abastada, também sofrem com racismo.

Se fizemos uma severa reflexão em relação ao ambiente universitário perceberemos que a universidade foi constituída para ser freqüentada por um grupo específico de indivíduos. Sendo assim, as desigualdades e os preconceitos são notadamente mantidos principalmente com relação ao grupo de mulheres e negras.

Outro ponto que Santos (2006) enfatiza é a respeito da diferença da escolarização de negros e brancos. Ela afirma que a dificuldade que a população negra tem em ascender socialmente através dos estudos muito está relacionada com a escola que freqüentam. A resposta para isso encontramos nos dados de INEP / 2013, que comprovam que o ensino superior ainda é composto na sua maioria por homens brancos, levando-se em consideração à questão relacionada à cor e à raça, os brancos seguem sendo a maioria em relação dos negros (pretos e pardos) inseridos em cursos superior (Portal Inep 2013)

Santos (2006) discute sobre a dificuldade que ainda existe em nossa sociedade de um indivíduo negro galgar postos mais altos de trabalho. Ela continua afirmando que fazer uma graduação é uma enorme conquista. Porém, se mostrar competente e se manter em uma posição de superioridade no trabalho, isso é um enorme desafio para nós mulheres e homem negros. Assim, como nos fala Gonzáles (1984) *o lugar é o não lugar*. Ou seja, o lugar do branco com certeza e o não lugar do negro.

Para tal utilizamos os relatos de quatro entrevistadas professoras de pós-graduação em instituições públicas do Rio de Janeiro. A finalidade aqui é trazer a tona como foi sua luta contra o racismo, para chegar a docência superior. Ao entrevistar uma professora Doutora que atua dentro de uma instituição pública do Estado do Rio de Janeiro a qual preservaremos a identidade chamando-a apenas pelo nome fictício de Aziza, ela revelou:

Racismo dentro da universidade pública existe sim tanto por parte dos professores como por parte dos alunos, as pessoas não acreditam que chegamos até aqui. Já na instituição em que atuo hoje, percebi o racismo de forma mais "velada", mais "escondida" por parte dos alunos, que ficavam me olhando com umas caras estranhas, parecia que eu era um ser de outro mundo, e claro que não eram todos, principalmente quando eu começava a falar do meu currículo percebia uns olhares de pessoas que deveriam está pensando como assim.... ela?.... nossa! Mais o que eu acho legal e que haviam alunos brancos que se aproximavam que me olhavam com admiração isso é muito bom. O que não significa que dentro das universidades não existe discriminação racial, por que existe é muito. (Aziza. Entrevista realizada em 2018)

Oliveira (2004) citando Silva (2013) discorre que a universidade, em especial as públicas estão longe de ser uma instituição democrática. Pois, as oportunidades de acesso e permanência oferecidas são diferentes para pretos e brancos. A pesquisadora continua sua reflexão discorrendo que as universidades públicas na sua estrutura, possuem diversos

procedimentos que impedem o ou atrapalham qualquer espécie de igualdade entre brancos e negros.

Silva (2013) discute essa questão refletindo a respeito do silenciamento histórico que existe nas universidades com relação à exclusão dos indivíduos negros. Ela continua a debater que essa supressão é algo visível, mas da mesma forma torna-se algo não discutido tanto por discentes quanto por docentes. Sobre a representação das mulheres negras e sua atuação nas instituições de ensino Superior. Silva (2013) destaca que na sociedade brasileira temos o número de negros (pretos e pardos) de aproximadamente 52% da população, porém percebe-se que a presença da mulheres negras é inferior a 4% da população das mulheres que seguem carreira acadêmica. Outra de nossas entrevistada discuti:

As vezes me pego observando como tenta ser sutil o modo em que os colegas me tratam, eu como uma das professoras negras mais jovens do departamento. Muita gente acaba por desconfiar da minha competência por ser jovem, por ser mulher e principalmente por ser negra. E como se fosse impossível uma mulher negra jovem já ter cursado o doutorado. Em contrapartida para um jovem branco e mais que normal. Cheguei a conclusão que a universidade pública exclui e não inclui os indivíduos negros.(Ashanti. Entrevista realizada em 2019)

Ratificando a fala da nossa entrevistada, Crisóstomo e Reigota (2010) esclarecem que a mulher negra que atua no ensino superior está sendo sub representada, pois além de serem poucas as negras a chegarem a docência superior, às que chegam padecem com a exclusão proveniente das reproduções que o imaginário social nos apresenta a respeito das delas.

O que é importante perceber que não é somente se tornar um professor universitário, para além disso é necessário se manter nessa posição e pra isso mais do que competência o professor negro também tem que demonstrar autonomia e segurança a respeito daquilo que está realizando. Caso contrário não será respeitada primeiro por ser negra segundo por não apresentar autonomia nas suas realizações.

Na verdade é muito importante que nós mulheres negras possamos nos tornar referência, antes éramos pouquíssimas, nosso número hoje já é maior, e com certeza será cada vez mais.... Por isso é importante que nós possamos nos tornar referência para as que estão vindo. (Aisha. Entrevista realizada em 2018.)

Baseada nas reflexões de Silva (2013) podemos entender que as mulheres negras somente obtiveram o direito a galgar postos mais prestigiados quando se unirão em grupos de luta e resistência, revelando a força que a elas tem de ir em busca do seus objetivos. Silva (2013) também afirma que na educação superior, assim como em outros níveis da educação básica, existe uma hierarquia que apresenta-se claramente no formato eurocêntrico. Ela legitima que temos em primeiro lugar o homem branco, esse homem vem seguido de uma mulher branca. Estes elementos estão no topo da hierarquia, os mesmos são seguidos de homem negro e mulher negra.

O que eu achava muito interessante quando estava fazendo o processo para dar aula em uma universidade carioca, é que encontrava poucas negras na seleção quando não era somente eu de mulher negra a participar . Vi que nossa responsabilidade e muito grande é mais do que ser representado e trazer mais e mais mulheres para essa luta que na verdade e de todas nós. (Aziza. Entrevista realizada em 2018)

Silva (2008) discute a respeito de docentes negras. Ela dialoga que diferente das professoras brancas, as negras enfrentam a todo tempo a discriminação racial que já “consideramos „normal”. Mas para além disso, elas enfrentam também a discriminação de gênero, e de classe. Podemos dizer que a mulher negra para acessar a carreira docente acaba por enfrentar uma tripla discriminação.

Eu já era professora universitária a alguns anos. Porém não tinha doutorado e era discriminada por isso. Na época havia um grupo marxista muito grande dentro da universidade. Eles achavam que Max dava conta de tudo. E esse grupo não se preocupava muito em discutir sobre gênero e raça. Todas as vezes que eram questionados, faziam pouco caso e me travavam de maneira um tanto discriminatória. Por isso, foi importante a realização do doutorado, para que eu enquanto professora negra pudesse discutir de igual pra igual com qualquer um deles. (Agbara. Entrevista realizada em 2018)

Euclides e Silva (2015) estabelecem que em geral as mulheres brancas objetivam ser reconhecidas no mundo acadêmico, ao contrário a expectativa das mulheres negras era o de se inserir em postos de trabalhos que não fossem exclusivamente o de empregadas domésticas. Além delas, o relato de outra professora negra que atua em uma instituição federal pondera.

Racismo institucional existe sim, eu por ser a professora mais pigmentada do meu departamento muitas vezes sou chamada de a Professora colorida, outras vezes me chamam de descabelada,.Então tem algumas falas que são extremamente racistas, mais infelizmente as pessoas vêem como brincadeira, contudo, se observamos bem entenderemos como racismo age nas entrelinha e muitas vezes sutilmente. (Aisha. Entrevista realizada em 2018)

O racismo institucional autentica praticas, regras e processos profissionais, provocando dessemelhanças raciais em uma determinada coletividade. As instituições universitárias, por sua vez, não se isentam dessas práticas. A diferença para os demais segmentos sociais é que neles se persuadiram com certa „sutileza“, escamoteada pelo estatuto da academia Coelho (2003).

Segundo Santos (2006) as mulheres negras vem sendo desvalorizadas desde a época da escravatura. Com o fim da mesma, o pensamento geral a respeito das mulheres negras não se altera, elas continuaram sendo vistas como objeto de dominação sexual ou aquela que ajuda a realizar os afazeres da casa, não sendo vistas como universitárias.

Racismo institucional é uma prática tão antiga, que meu pai quando entrou para faculdade já sofria com isso, depois passou em um concurso e virou professor e continuou sofrendo com a mesma questão. Tomar um susto ao ver um negro se tornar professor, pra mim e a maior demonstração de racismo institucional que já vivenciei. (Ashanti. Entrevista realizada em 2019).

A respeito da dimensão do racismo Cidinha Silva (2001) e Silva (2013) afirmam que existe fundamentalmente Três categorias de racismo. O individual, cultural e institucional. Todos precisam ser combatidos, aconteçam eles de forma “velada ou concreta”, o importante é que sejam intensamente discutidos e confrontadas. Guimarães (1998) nos esclarece que num contexto geral sabemos que os homens e mulheres brancas ainda são maioria dominante entre os docentes universitários. Apesar de vivermos em um país onde parte esmagadora da população é negra, entre os docentes que atuam nas universitários o número de negros ainda é insignificante quando comparado ao número de brancos. Ao pensarmos a respeito das mulheres negras é importante discorrer como as desigualdades se estabelecem, e em que momento a sociedade constitui a diferença entre homens e mulheres, negros e brancos.

Racismo institucional, eu sei que existe, que está aí bem na nossa frente, eu nunca sofri com ele explicitamente e é exatamente aí que está o problema. Na grande maioria das vezes o racismo institucional não aparece claramente então acaba ficando um tanto difícil de combatê-lo de forma mais contundente. (Ashant. Entrevista realizada em 2019)

Ainda discutindo a questão do magistério enquanto profissão Silva (2013) Analisa que para chegar a ser um professor ou professora negra, é necessário que possamos criar estratégias para que de fato haja inclusão de alunos e alunas negras fazendo com que os mesmos possam sentirem-se respeitados e valorizados. Souza e Ratts (2006) discutem com relação ao processo de exclusão de alunos e alunas negras eles comentam: O processo de exclusão de alunos e alunas negras é um processo nefasto que necessita de forma urgente ser exterminados. Com os avanços que temos obtido no campo das ciências, as relações étnico raciais precisam ser amplamente discutidas e respeitadas.

Eu entrei e gradativamente fui conquistando os espaços, já briguei muito, sabe? Porque eu sou muito franca direta. Nos momentos que houve necessidade, Eu realmente agir assim com muita segurança, ponderação e energia, mas hoje a gente está assim, sabe? Agindo de forma mais tranquila. No nosso espaço hoje, muita gente que vem fazer trabalhos sobre a questão negra, e são aceitos. Todos os professores praticamente da pós-graduação independente da minha linha, são seis linhas de pesquisa, aceitam, recebem alunos que vão fazer pesquisa sobre negros ainda que espaços e o respeito das outras linhas da pós-graduação e inclusive a participação e o interesse de professores não negros. (Agbara. Entrevista realizada em 2018)

Os escritos de Pinto (2007) e Silva (2013) esclarecem que atualmente o acesso dos cursos de pós-graduação em educação é majoritariamente feminino, porém ao nos atentamos ao recorte de raças, percebemos que a presença (acesso/permanência) das mulheres negras e irrisória, o que deixa claro quão grande é a exclusão dessa população que está representada em maior número na sociedade.

Assim nosso combate ao racismo acaba sendo a militância as discussões, os estudos trazer esse povo preto mais pra perto, pra dentro da academia (mesmo que seja difícil) não na intenção de “brigar”, na verdade de se fazer entender...entender que a academia também é nossa, que nos temos o direito de usufruir dela da melhor maneira. (Aziza. Entrevista realizada em 2018)

O racismo institucional não se manifesta de forma declarada, e sim de forma difusa no cotidiano de organizações que oferecem diferentes formas para realizar a distribuição de serviços e oportunidades, esse formato nunca favorece aos negros, assim de maneira velada acaba gerando inúmeras desigualdades. Lopez (2012).

Hoje percebo isso mais dos colegas do que dos estudantes, exemplo chamar o outro de descabelado ou de colorido, achando que é uma brincadeira ou uma coisa afetuosa, para mim isso é muito sério, e mostra como o racismo existe e é forte, você pode conversar com outros colegas independente se está na pós-graduação ou não e eles vão te confirmar, a relação com os colegas de trabalho nem sempre são afetuosas as vezes são irônicas, e debochadas tentando te mostrar o quanto você é diferente, chamar um colega de descabelado ou de colorida e um dado forte. (Aisha. Entrevista realizada em 2018)

Eu, enquanto estudante por diversas vezes, também ouvi dos colegas xingamentos disfarçados de “brincadeiras”. Palavras que eram muito cruéis, mais quando questionadas, eram tidas como “bobagens” ou “coisa de crianças”. É cada vez mais crescente as discussões que envolvem a temática racial. Embora, grande parte da população ainda encontra dificuldades para falar a respeito do racismo e de como ele se processa. Os pensamentos de Santana (2011) nos levam a refletir que seja institucional, individual ou qualquer outro tipo de racismo, ele precisa ser discutido e eliminado.

Na minha vida, não só acadêmica vi e continuo vendo muitas pessoas dizendo que os negros são vitimistas. Eu não gosto dessa concepção. Acho que o que é difícil para os pretos também e difícil para os brancos... e claro que não podemos esquecer os muitos anos de história em que o negro viveu à margem, viveu no caminho da exclusão... Acho que hoje temos que fazer justamente o caminho contrário. Mostrando que não somos somente vítimas, mas também somos dedicados e competentes. (Aziza. Entrevista realizada em 2018)

Essa fala nos leva a refletir que o racismo institucional mesmo que de forma “velada”, não aparente, “escondida” ainda se faz presente dentro da academia e de diversas outras instituições públicas ou privadas. Ainda nessa perspectiva Melo (2006) discute que dentro de uma estrutura social, a mulher negra é o indivíduo que ocupa os baixos postos de trabalho, a forma mais eficiente de mudança desse quadro, acontece por meio da educação. Ainda dialogando com nossas entrevistadas Aisha, ela nos apresenta:

Nossa presença é uma presença outra. Tem grupos que acham que nasceram para serem servidos e que nós nascemos para servir. Que nós temos que ser coadjuvantes e não protagonistas. Infelizmente é um dado da sociedade. No caso do Brasil, a população negra e uma população insurgente. Em diferentes fronts, nos somos insurgentes disputando um espaço de poder. Nós mulheres e homens negros, acima de qualquer coisa precisamos demonstrar que somos competentes. Não podemos abaixar a cabeça, por que o nosso desmerecimento já é algo dado como natural. (Aisha. Entrevista realizada em 2018)

Assim como afirma Gonzalez (1984) algo que se percebe ao falar em racismo, e que parece ser muito natural. O imaginário social subentende que o preto pode viver na miséria sem as mínimas condições, estruturais de vida, e saúde. Só não pode ocupar um lugar que socialmente não é seu.

3.1 Racismo e história de vida: Professoras Doutoradas na busca da transformação.

Durante as entrevistas nossas entrevistadas frisaram a respeito de como foi a infância e a adolescência como meninas negras, e de como elas conseguiram superar os embates raciais com o auxílio da família. Segundo Santana (2011) a respeito do que envolve a temática racial se dá porque uma grande parte da população ainda encontra dificuldade para falar de racismo e de como ele se processa. Os pensamentos da autora nos levam a refletir por que em um país tão miscigenado como o Brasil o racismo e a discriminação racial ainda perduram.

Gomes (2010) pondera a respeito da dificuldade de se construir a identidade quando se é negro. Segundo ela, o processo de construção da identidade acontece progressivamente e depende das relações que o indivíduo estabelece no decorrer da vida. Ela continua discorrendo a respeito da dificuldade de se construir uma identidade positiva dos indivíduos negros uma vez que social e historicamente o negro foi ensinado a negar a si. Aprendeu também a desconsiderar tudo aquilo que não é bom ou não é bonito se referindo a pretos /negros.

Ainda sobre a questão da identidade Munanga (1994) afirma que para se criar uma identidade positiva com relação ao negro é importante que exista uma tomada de consciência

do povo relacionado a história cultural do povo negro como um povo que foi essencial para a subsistência da população em geral.

Nossas entrevistadas, dialogaram a respeito do racismo, da discriminação racial, e de suas identidades negras. Quando questionadas respondem que não tiveram dificuldades de se identificarem enquanto mulheres negras. Muito por conta dos pais e da própria sociedade que lhes deixavam claro diariamente que eram diferentes. Nossa entrevistada (Agbara) esclarece:

Fui criada em uma família com pai e mãe negros e sempre tive muita clareza, da parte do aspecto teórico, sobre a discriminação racial. Meus pais sempre me chamaram atenção para nossa cor, e a nossa raça. Nós somos negros. *Quando eu era pequena minha mãe me dizia assim: Nós somos negros, pobres, não da graça de Deus.* Eu entendia que somos negros, pobres e ainda não temos a graça de Deus. Depois, muito mais tarde que fui entender que minha mãe dizia que éramos negros, pobres, mas que não somos pobres da graça de Deus. Ai que fui entender. Mas a questão da negritude, sempre foi tranqüila na família. Claro que quando a gente tá no aconchego da família, numa cidade pequena, em que meu Pai e minha Mãe eram assim muito considerados eram negros especiais naquela cidade. Meu pai era operário da central do Brasil, funcionário exemplar e minha mãe lavadeira, das famílias ricas da cidade. Então, nós éramos negros especiais. La meus pais eram tratados assim, com muito respeito. E aquilo o que não e visto, não é discutido e na minha cidade éramos diferenciados. (Agbara. Entrevista realizada em 2018)

Em seus diálogos Gomes (2010) afirma que instaurou-se em nosso país a seguinte situação, aquilo que não é discutido, torna-se inexistente. Assim durante anos parte da população permaneceu com o discurso que o Brasil não sofria com o racismo.

Mas quando a gente sai deste espaço, deixa de ser negro especial é ai que a gente vê a questão da discriminação racial. Quando eu vim pra a cidade que moro hoje, por exemplo, eu não era uma negra filha da Laurita e Onorato, eu era uma negra qualquer. É ai eu a gente sente mais fortemente a questão da discriminação racial, né? Nestes espaços aqui, você é um negro como todos os outros. (Agbara. Entrevista realizada em 2018)

Seguir a carreira docente pode até parecer algo natural, mas para a mulher negra tem um significado especial, pois simboliza a suplantação e a perspectiva de mudança com relação a representatividade em um ambiente de hegemonia branca. Silva (2013) esclarece que essas mudanças se fazem importantes pois remarcam os espaços ou seja, lugares antes excludentes, agora passam a incluir.

Na cidade onde nasci, mesmo sendo negra sempre fui tratada de forma diferente, pois meu pai além de muito conhecido na cidade ainda era professor, então ele já era um negro diferenciado. Assim ele sempre deixou claro pra nós que os estudos tinham que ser a base da vida de um negro, segundo ele a sociedade não perdoa... e hoje eu vejo que realmente a sociedade não perdoa. (Ashanti. Entrevista realizada em 2019)

Outra de nossas entrevistadas também coloca a importância da família na formação da sua identidade. O diálogo com os pais, o apoio da irmã mais velha que enfatizava sempre que para uma mulher negra se tornar visível ela tem que transforma-se em sujeito visível. Colaborando com as idéias já expostas aqui, Pinto (2008), Apud Silva (2013) esclarece em suas reflexões sobre o lugar do negro. Ela contribui sobre o lugar que o negro ocupa na sociedade é o da marginalização, subalternidade é o da exclusão. E importante que não se deixe esquecer que essa população todo tempo foi inferiorizada e destituída dos mais diversos espaços políticos, sociais e culturais tendo como razões a supremacia da pele branca. O que permite a naturalização da violência contra o corpo e a cultura negra. Silva (2013) assim nossa entrevistada comenta:

Minha mãe era costureira e ela sempre teve o hábito de costurar para nós, algumas amigas ficavam se questionando como uma menina preta poderia andar tão arrumadinha. Hoje entendo que temos que perceber as entrelinhas do racismo, como pode uma menina negra andar arrumada? Isso não pode. E como se fosse inadmissível para uma mulher negra se sobressair de alguma forma. (Aisha. Entrevista realizada em 2018)

Volto a discutir aqui que a fala da nossa entrevistada nos leva a refletir que vivemos em um país onde o preconceito e a discriminação racial são atos provenientes do contexto em que vivemos. Diversas vezes os indivíduos que executam essas práticas, “desconhecem” ou “simplesmente não se atentam” para o fato que estão ferindo, magoando ou afligindo intensamente uma pessoa. Gonzáles (1980).

Infelizmente o preconceito e a discriminação por conta da cor da pele existem em todas as fases da nossa vida, quando era criança achava que sofria com o preconceito por que era muito pobre e estudava como bolsista em uma escola particular, depois mais pra adolescência achava que sofria com o racismo por que sonhava em estudar em uma universidade pública, e agora na fase adulta? Permaneço a sofre com racismo, agora por que sou professora de uma universidade que é tradicionalmente branca aqui no rio de janeiro (Aziza. Entrevista realizada em 2018)

O racismo e a discriminação tomam forma, insistem, persistem e se tornam fatos concretos em nossa sociedade. Na verdade, somente o fato de ser um indivíduo branco traz privilégios que indivíduos negros não tem. Esses podem vir de forma explícita ou emblemática, mas sabemos que são desfrutados somente pelos brancos. Ainda discorrendo a respeito de discriminação Melo (2009) corrobora que A educação é um método de transformação do indivíduo, é importante conscientizá-los para que as desigualdades sejam enfrentadas de forma corajosa e perseverante. Sobre questões familiares e de raça nossa entrevista Aziza frisa:

Vim de uma família muito pobre, minha mãe faleceu eu ainda tinha 7 anos, meu pai analfabeto, ficou com 4 filhos pequenos para criar, apesar de toda nossa dificuldade, meu pai sempre teve em mente que nos tínhamos que estudar, ele conseguiu uma bolsa para nos quatro na mesma escola, e todos os dias meu pai ia com os 4 filhos levando pra escola. Ele sempre ressaltava que os estudos seriam importantes para nosso futuro. Até porque nos éramos pretos, éramos diferentes das crianças daquela escola, bolsistas, tínhamos que nos destacar de alguma forma. Ele achava que somente a escola poderia modificar nosso futuro eu também acredito que o negro pode ser cada vez melhor é provar isso através do conhecimento. (Aziza. Entrevista realizada em 2018)

Dialogando com a fala da nossa entrevista Reis (2008) elucida que normalmente quando ouvimos falar de mulheres negras, percebemos que o que as marcam são histórias de luta e resistência, onde as mesma rompem as barreiras com força e coragem, dispostas a chegarem em lugares que socialmente não são seus. Ainda dialogando a respeito das questões familiares com nossa entrevistada Aisha ela acha importante menciona:

Com relação a minha identidade negra, nunca achei que isso fosse um problema. Desde muito jovem, estimulada pela minha irmã mais velha, sempre participei de movimento negro, ainda com 17 anos me filiei ao IPCN, participei de movimentos como o Agbara Dudu em Madureira, dessa minha militância dentro de movimentos negros fez com que minha tomada de consciência, fosse ainda muito cedo, minha mãe era costureira e meu pai funcionário público, mais eles nos incentivavam aos estudos dizendo sempre que a sociedade via a nós pretos de forma diferente. Dessa maneira a única maneira de buscarmos algum tipo de ascensão e através da escolaridade. (Aisha. Entrevista realizada em 2018)

Em outro momento da discussão a respeito da atuação do racismo, González (1984) esclarece que no Brasil o racismo e o tempo todo negado por uma pseudo democracia racial,

querem nos fazer acreditar que pretos e brancos possuem os mesmos direitos, e que aqui existe desigualdade social e não racial.

3.2: Professoras negras no enfrentamento das múltiplas facetas do racismo.

O conceito de Racismo institucional ainda é pouco refletido no Brasil, ele foi criado pelo ativistas Stokely Carmichael e Charles V. Hamilton do movimento Black Power no final de 1960, ainda tem muito a ser discutido em nosso país. Deste modo podemos entender que ele elucida a maneira pela qual uma sociedade manifesta a produção e reprodução de desigualdades dentro de instituições públicas e privadas. (Souza, 2011).

As vezes acho que o racismo institucional é tão severo...nos fere tanto... eu fiz doutorado na USP, e ai eu é...fui classificada em educação na pós graduação em educação e na psicologia, só que na época a psicologia tinha um grupo interdisciplinar de pesquisa sobre o negro e eu queria fazer a pesquisa sobre a questão negra, né? E ai eu fiquei na dúvida, escolhi o instituto de psicologia que estava ancorado nesse grupo de pesquisas, grupo interdisciplinar de pesquisa sobre o negro, então eu preferir ficar na psicologia, porque eu tinha um respaldo maior por tratar sobre a questão negra, mais infelizmente me desentendi com a orientadora, porque ela não tinha o comprometimento maior com a questão racial, confesso que fiquei muito triste quando percebi que ela se referia a questão sobre raça e racismo de qualquer maneira, sem dar a devida importância e então a psicologia acabou credenciando o Kabemgle Munanga pra ser meu orientador, sabe? (Agbara Entrevista realizada em 2018)

Com relação à entrada do negro na universidade, as discussões sobre racismo e racismo institucional ampliaram-se durante a década de setenta onde militantes dos grupos e de movimentos negro já chamavam a atenção para as desigualdades educacionais que excluem o negro do meio acadêmico. Segundo Santana (2011) esses estudos mostraram claramente a diferença de escolaridade existente entre negros (pretos e pardos) em comparação à população branca.

Em um primeiro momento queria fazer doutorado em educação, por que a mim há prioridade era discutir racismo dentro da universidade. Acabei escolhendo a psicologia da USP por conta de um viés que achei pra falar de racismo. Quando troquei de orientador confesso que foi maravilhoso, porque o Munanga me deu o suporte que eu necessitava pra

falar de racismo. Nos negros podemos discutir qualquer coisa nada e proibido mais temos que ter consciência que discutir racismo dentro do ambiente acadêmico vai sempre abrir as portas pra os que estão vindo. Se engana quem pensa que universidade e para todos, esse ambiente aqui só é pra agente, se nos forcarmos nossa entrada, caso contrário ficaremos cada vez mais distantes desse mundo (Agbara. Entrevista realizada em 2018)

Segundo Munanga(2006) existe a necessidade de se enfrentar de forma consciente o racismo institucional. Mesmo que ele seja manifestado de forma a tentar suavizar sua real proposta. Esse enfrentamento se faz necessário para que se possa pensar, discutir e propor iniciativas que favoreçam a eliminação/ diminuição do racismo dentro das instituições.

Quando eu ainda era professora do município, eu sofri com o racismo institucional, na verdade se nosso olhar estiver bem atento vamos perceber que o racismo institucional ou não esta sempre a nossa volta... mais voltando a falar de quando eu era professora do ensino fundamental, assim que eu cheguei na escola conheci uma outra professora de matemática que era negra e fazia a diferença naquela. Juntas montamos um grupo de estudos para preparar os alunos para fazer outras provas (de fora), logo os colegas começaram a achar que aquele movimento era pra chamar atenção para nos, para nós dar visibilidade e não para ajudar os alunos. Logo fomos muito criticados pelos colegas fomos criticadas por demonstrar não só competência mais também o desejo de melhorar as condições adversas da escola. (Aisha. Entrevista realizada em 2018)

Ainda discutindo com Lopez (2012) ela afirma que Os negros brasileiros apresentam menor escolaridade com a relação a população branca, além disso apresentam também menor salário e piores condições de moradia e igualdade de direitos. Quando perguntadas a respeito de como é estar trabalhando na Pós-graduação, e dentro da Pós já se sentiu discriminada ou enfrentou alguma situação clara de racismo Aziza assim esclareceu:

Já sofri sim, e foi por parte dos professores, foi muito interessante por que um professor de uma universidade como a que eu atuo, não vai admitir ser racista não é? É ai quando cheguei para dar aula olhei na planilha e segui para sala estipulada, cheguei coloquei minhas coisas e comecei a receber os alunos, logo chegou uma professora mais antiga que eu na instituição, que disse que aquela sala era dela, eu estranhei,mas tranquilamente informei a ela que no quadro estava confirmando que minha aula era naquele local (Aziza. Entrevista realizada em 2018)

O racismo institucional não se manifesta de forma declarada, e sim de forma difusa no cotidiano de organizações que oferecem diferentes formas para realizar a distribuição de

serviços e oportunidades. Esse formato nunca favorece aos negros, assim de maneira velada acaba gerando inúmeras desigualdades. Lopez, (2012).

Ela respirou fundo e pediu para eu sair afirmando que só dava aula naquela sala, novamente eu disse que não estava errada pois o quadro dizia que minha aula seria naquela sala, ela se recusou a me deixar ali, e iniciou uma discussão foi falar com a coordenação e eu continuei dando aula. Esse foi um exemplo claro de racismo institucional, nesse momento realmente me senti discriminada, tratada com preconceito, não somente pelo fato de ser negra, mais também pelo fato de ser nova na instituição.(Aziza. Entrevista realizada em 2018)

Mesmo sabendo que por mais que se fale, a negativa da existência do racismo é grande. Porém, podemos verificar a ação do mesmo no cotidiano de forma simples, assim como discute Gonzáles (1980). Segundo a autora uma mulher negra, mesmo aquelas de classe média, estando bem vestidas e de boa aparência, (aliás boa aparência não é coisa de mulher negra, ou é?), mesmo essas negras, aparentemente diferentes das outras, ainda sim, ao depararem-se em um lugar que supostamente não é seu, são imediatamente convidadas a entrar pela “porta de serviços”, isso porque o imaginário social diz a que função você ocupa a partir da cor da sua pele. Agbara também fala de sua experiência :

Sim, sem dúvida, né? Houve um momento por exemplo, que eu nunca tive interesse de trabalhar na pós-graduação, Mas ai é um seguinte o problema é que eu verifiquei e o grupo que atua aqui no programa comigo, tá querendo trabalhar questão racial e eu estava com a formação que me permitia orientar e porque não? Então eu dei entrada num pedido pra eu ser professora da pós-graduação, E dei entrada na coordenação na época, ...e foi passando o tempo, eu ocupada estou achando que o processo está correndo e quando eu procurei o processo, estava na pós-graduação parado durante vários meses, não foi encaminhado, o coordenador da época não encaminhou, e eu estava aguardando, mas o que eu fazer? Vou denunciar porque o processo não pode ficar parado durante tanto tempo assim, ate pensei, mas precisava disso pra entrar. (Agbara. Entrevista realizada em 2018)

As entrevistas realizadas com nossas professoras doutoras expõem sobre os variados momentos em que elas lutaram para superar os preconceitos e para conquistar melhores condições de trabalho e de vida através da escolarização. Moreira (2013). Outro ponto importante a se destacar nas palavras de Aziza é:

O que difere os alunos e professores universitários das outras pessoas é que eles são “intelectuais”, e intelectuais supostamente não são racistas, ou não se dizem racistas, na verdade não admitem o racismo, os outros pela falta de conhecimento acabam falando mais, e deixando claro com mais facilidade o racismo que carregam no imaginário. (Aziza. Entrevista realizada em 2018)

Em outro momento da discussão a respeito da atuação do racismo González (1984) esclarece que no Brasil o racismo e o tempo todo negado por uma pseudo democracia racial, querem nos fazer acreditar que pretos e brancos possuem os mesmos direitos, e que aqui existe desigualdade social e não racial. Como aponta Teixeira (2003) as mulheres negras mais pobres sofrem um tripé discriminatório. São discriminadas ao mesmo tempo pela raça. Pelo gênero e também pela classe social. Dentre as pessoas das classes sócias menos abastadas elas encontram se em uma situação ainda mais precária, estando em maior situação de vulnerabilidade. Aisha coloca uma de suas experiências que considera diferente, mais não menos preocupante:

Meu laboratório e a sala de aula, ao longo desses anos vivenciei muitas coisas, mais teve algo em especial que me deixou bastante preocupada, eu tinha uma aluna negra e que nas minhas aulas sempre a chamava para as discussões, não era somente com ela, não era algo específico com ela, fazia com todos os alunos, pois bem... ao fim da aula essa aluna me procurou e me solicitou para que eu não a chamasse mais, ela não queria participar das discussões, porque não se sentia a vontade comigo... bem como assim não se sentir a vontade com seus iguais, será que fosse com um professora branca ela agiria dessa forma? Isso me causa uma preocupação, porque o negro na sua maioria já vivem na subalternidade se nós começamos a nós afastarmos uns dos outros nosso movimento perdera o sentido. (Aisha. Entrevista realizada em 2018)

A Aqui no Brasil o racismo acaba por se repetir em todas as áreas da vida do indivíduo, fala da nossa entrevistada deixa claro a todo momento a reprodução dessas desigualdades. Reis (2008). Informa que uma questão que vivenciei enquanto aluna e não enquanto professora mais que acho tão grave que gostaria de dispor aqui:

Eu tive um experiência enquanto estava no mestrado, eu estudava com um grande pesquisador, da UFRJ, eu fiz uma disciplina que discutia Burdier, e todo mundo tinha muito medo dessa disciplina, nos fizemos uma prova e ele deixou minha prova para ser entregue por último, todos os colegas tirando zero, três, dois enfim.... quando chegou na minha vez ele me olhou e disse com bastante ênfase : dona Aisha, dona Aisha, você me fez uma grata surpresa tirou 8, pra mim aquilo foi a maior manifestação de racismo, eu fiz uma grata surpresa, a surpresa dele é porque eu era uma mulher negra, como tal não tirei dois, não tirei zero tirei 8, da mesma forma, a professora que dividia a disciplina com ele, de quinze em quinze dias, ela me perguntava se eu era brasileira, ficava sem entender, mais

sempre respondia que sim, mais ela sempre voltava a me perguntar, ora... mulher, jovem, negra, professora da rede, sempre arrumada, porque (minha mãe costurava para gente), cursando aquela disciplina extremamente elitizada, aquilo parecia difícil de entender. (Aisha. Entrevista realizada em 2018)

Ainda dialogando com Reis (2008), vemos que nossa sociedade nos convida constantemente a habitar lugares pré determinados. Porém os locais que nos cabem, são aqueles não destinados às mulheres brancas. Se pré destina a mulher negra, isso porque são atividades totalmente desvalorizadas e mal remuneradas. A respeito dessa afirmação de Reis nossa entrevistada Ashanti assim o declara:

Meu pai sempre me dizia como as pessoas estranhavam quando ele chegava nos locais e se apresentava como professor, ele dizia que as pessoas olhavam meio espantadas e diziam caramba o senhor professor que bacana.... como ele sempre foi muito simpático e educado com todos algumas vezes vi e ouvir pessoas dizer que maravilhoso... o senhor é um negro de alma branca. Mais vi isso com mais intensidade quando sai da minha cidade e vivenciei esse tipo de situação preconceituosa na minha própria pele. Na hora entendi que alguns lugares são destinados aos brancos e outros são destinados aos pretos, qualquer tentativa de mudanças gera espanto. (Ashanti. Entrevista realizada em 2019)

Melo (2009) afirma que não podemos negar que historicamente a mulher negra tem como destino principal a sujeição. Por esse motivo é tão importante que elas imponham sua presença em ambientes antes de domínio masculino e branco.

Ainda com relação ao que se refere a racismo institucional nossas entrevistadas concordam ao destacar a melhor forma de combatê-lo. Elas explicitam que nada melhor que combater o racismo institucional do que sendo competente, mostrando como você é comprometida com as questões raciais e sociais, mostrando a sociedade que as mulheres negras também são capazes ...ou melhor capacitadas para serem o que quiserem. (Ashanti, Aisha e Aziza).

Ainda discorrendo a respeito de discriminação Melo (2009) corrobora que a educação é um método de transformação do indivíduo, e importante conscientizá-los para que as desigualdades sejam enfrentadas de forma corajosa e perseverante. Agbara também discute a respeito de racismo institucional. Nessa passagem ela explica:

Década de 90, havia hegemonia marxista, entendeu? Com a centralidade do trabalho, e...eu sentir necessidade de é... de introduzir a questão negra aqui na faculdade da educação,

porque a discussão era só sobre classes sociais. E eu me sentia assim fora, claro que a teoria marxista tem suas contribuições, mas ela não dá conta dessa diversidade humana, da questão negra, de gênero, da questão da mulher, vamos dizer assim, ela não dá conta de várias questões, porque Marx fala da questão do trabalho, sabe? mas os marxistas, eles acham que Marx dá conta de tudo, que resolve todos os problemas. E eu precisava fazer o doutorado, até fui fazer o doutorado justamente por que eu precisava, pra enfrentar essa questão aqui no interior da universidade. Na época a gente fazia concurso, eu fiz concurso, a exigência era ser mestre, mas os marxistas eram doutores e eu precisava ser também né? É...vamos dizer assim, me preparar pra poder dar sustentações as minhas argumentações, pra introduzir a questão negra e por isso que eu fui pra USP, entendeu? E lá realmente eu consegui ter esse preparo, acredito que isso aí seja uma maneira de eliminar isso que agente vê, fazerem com o nosso povo dentro das diferentes instituições brasileiras, isso que chamamos de racismo institucional, se preparando para as discussões apresentando novos projetos sem falar muito, mais sempre agindo (Agbara entrevista realizada em 2018)

A respeito da mulher negra no magistério Silva, (2018), Apud; Silva (2013) discorre que elas, independente de sua qualificação, tem sempre sua capacidade e competência colocadas a prova. Por esse motivo acho importante destacar essa passagem, ainda analisando a fala da nossa entrevistada com relação ao racismo institucional:

Para combater o racismo institucional, (não digo exterminar, por isso já é mais difícil), e necessário fazer com que as pessoas te respeitem, elas podem não gostar de você, mais precisam respeitar o seu trabalho. Assim que terminei meu Doutorado pude perceber isso. O olhar foi sempre de muito respeito, eu me lembro que eu cheguei e aí houve toda uma receptividade muito grande e aí uma das professoras da pós-graduação, (eu ainda não estava na pós-graduação) e ela me convidou pra fazer uma palestra na turma dela sobre questão racial, então houve assim reconhecimento imediato da minha formação, terminei meu doutorado em uma universidade que tem uma projeção e que tem um acúmulo de conhecimento muito grande sobre a questão negra. Então eu fui muito respeitada, e lá eles iam me procurar, assim percebi que o grau de confiabilidade foi muito maior decorrente ao doutorado que eu fiz.(Agbara entrevista realizada em 2018)

A partir de tudo que observamos aqui através das falas das nossas e entrevistadas, percebemos que o racismo tem muitas facetas, e pode se dar de variadas maneiras. Apesar de sabermos que as diferenças são naturais entre os seres humanos, elas tem uma representatividade social enorme. Isso porque é através das diferenças dispostas no contexto social que estabelecemos aquilo que é feio ou bonito. Aquilo que uma pessoa tem que gostar ou não. Só teremos uma sociedade mais igualitária a partir do momento que as barreiras do preconceito e da discriminação que recai principalmente sobre a população de, de mulheres e de negros não mais existirem. Por meio das diversas questões discutidas aqui, é fácil perceber que existe um racismo “camuflado”, fragmentado que contamina nosso dia a dia se tornando tão mordaz quando racismo declarado. Desde a época da escravidão, a sociedade atribuía a

população negra uma falta de capacidade e de intelecto que não são reais. Sendo assim, as mulheres negras precisam a todo momento mostrar o quanto estão preparadas para assumir as funções que lhes são designadas. Com relação à essa discussão nossa entrevistada Aziza assim o corrobora:

Era e até hoje é interessante eu chegar em alguns lugares e as pessoas me tratarem de qualquer maneira, e quando descobrem que sou professora universitária mudam imediatamente mudam a maneira de me tratar. Isso rapidamente me remete a pensar como as pessoas normais, as mulheres negras normais vivenciam esse desrespeito diariamente, como é triste ver a maneira como as mulheres negras ainda são tratadas pela nossa sociedade. (Aziza. Entrevista realizada em 2018)

As mulheres negras ao se tornarem professoras doutoras, estão ocupando um lugar que socialmente não seria delas, e que na verdade a sociedade não o reconhece. Euclides (2017), enfatiza que a presença majoritária de brancos no ensino superior é sinal de que há um recorte hierárquico de raça no qual claramente são definidos lugares e papéis sociais.

O discurso moderno referente as relações raciais e contraditório, uma vez que no Brasil existe sim o preconceito.esses mecanismo de inibição reaparecem com nova roupagem nos discursos raciais, sobretudo, com o objetivo bem definido: preservar a discriminação racial vigente desde a escravatura, assim como retirar dos cidadãos o sentimento de responsabilidade por essa situação. (Camino, 2000: Apud Crisóstomos e Reigotas 2010, pág.103)

Podemos perceber, que a partir das características físicas que processo discriminatório ocorre com menos ou com mais intensidade. O corpo munido de todas as suas características determina a superioridade ou a inferioridade do indivíduo numa sociedade racista. Santana(2011) diz que é importante ressaltar, que com relação a escolarização das mulheres negras percebe-se que muitas famílias menos abastadas observavam na educação à única chance de obter ascensão social e de vida mais digna.

Para “muitas famílias” negras e pobres vivenciar o ambiente escolar era o ápice. Acreditava-se que estando inseridas nesse ambiente, aquelas crianças se “igualariam” a todas as outras presentes naquela atmosfera, independente da cor ou classe social. Já discutimos acima que parte da população negra perpassa por diversos percalços, dessa maneira muitos acabam abandonando os estudos de forma muito prematura. A dificuldade financeira é um

dos pontos chaves, mais não a única circunstância desfavorável. É todo um círculo de exclusão que o jovem negro suporta, até finalmente deixar os estudos de vez. Ao dialogar com uma das entrevistada ela reitera que “Eu vim de uma família muito pobre de quatro irmãos, meu pai semi analfabeto, achava que somente a escola poderia modificar nosso futuro eu também acredito que o negro pode ser cada vez melhor é provar isso através do conhecimento (Aziza. Entrevista realizada em 2018).”¹⁰⁰

Podemos pressupor ainda que tais trajetórias, participam de uma importante dialética envolvendo uma oportuna discriminação racial e social. As falas das nossas entrevistadas consentem capturar percepções a respeito de grandes dilemas sócio estruturais presentes nas questões raciais brasileiras. Isso porque os casos apresentados fornecem elementos ativos para discutir o ambiente social no qual esses caminhos se compõem.

3.3 Um breve histórico sobre as mulheres negras entrevistadas.

Segundo os autores Marcondes, Pinheiros, Queiroz, Querino e Valverde, e relevante, pensar nas mudanças na educação superior no Brasil, sobre o crescimento número de matrículas no ensino superior, nos cursos e nas instituições, que já haviam sido abertas nos anos 1970, tivera um novo impulso, sobretudo entre 1998 e 2002. Ainda dialogando com os autores acima citados acima, o aumento da oferta de vagas no educação superior nesse se deu hegemonicamente no setor privado. Este protótipo de crescimento do ensino superior se concentra na maioria no setor privado. Neste exemplo, as instituições de ensino superior (IES) particulares estão encaminhadas para atestar a demanda para o ensino superior, em complementação a um ensino público de menor captação, demasiadamente seletiva e devoluto para as carreiras clássicas e tradicionais. Mesmo com o aumento efetivo de vagas no ensino superior, a disparidade entre negros e brancos ainda permanece estratosférica, e é essa insistência das desigualdades educacionais no ensino superior que desassossega os estudiosos da área, principalmente aqueles que se destinam a estudar as atuações voltadas para proporcionar o acesso de grupos historicamente não representados neste grau de educação.

Marcondes, Pinheiros, Queiroz, Querino e Valverde, ainda observam que as informações a respeito das taxas de escolaridade não são satisfatórias para uma elucidação acerca da insistência das desigualdades no ensino superior. Porque ela sozinha não responde

questões sobre as características dos grupos historicamente excluídos que ingressam no ensino superior, nem como estas se relacionam com a reprodução de desigualdades na educação. Outro fator relacionado ao crescimento das oportunidades no ensino superior diz respeito às carreiras universitárias. Ainda existe uma distribuição de intensa desigualdade entre as mulheres e homens, brancos e negros. Essa não é uma questão específica dos dias atuais, bem oposto disso, as taxativas escolhas das carreiras têm esclarecimentos muito tradicionais. Dessa forma as instituições de ensino acabam sendo reprodutoras e legitimadoras da discriminação contra a população negra de forma geral.

Em seus escritos Euclides (2017) discorre que em nosso país assim, como em diferentes lugares do mundo, acessar um curso de pós-graduação *strict sensu*, ainda pode ser considerado um apanágio que muitos homens e mulheres negras não desfrutam. Possuir esse tipo de qualificação diferencia e os coloca em uma posição privilegiada quando comparados com aqueles que não tiveram a mesma oportunidade. Para os indivíduos que intencionam trabalhar na docência superior em instituições públicas ou privadas, cursar mestrado/doutorado tornar-se essencial indispensável para a realização do mesmo. O gráfico II a seguir mostra a disparidade, segundo o IBGE, que existe entre negros e brancos quando falamos de curso superior e de curso de pós-graduação em nível de mestrado/doutorado

NÍVEL DE ENSINO	COR/RAÇA	TOTAL	%
Graduação Superior	Total	6.197.318	10,40
	Branco	3.906.166	6,56
	Negro	2.187.707	3,67
Especialização Superior	Total	666.613	1,12
	Branco	449.314	0,75
	Negro	205.510	0,29
Mestrado	Total	177.472	0,30
	Branco	127.971	0,21
	Negro	46.242	0,07
Doutorado	Total	77.763	0,13
	Branco	58.947	0,10
	Negro	17.304	0,03

Fonte: IBGE (2010).

Como verificamos no gráfico acima do total de negros que cursam pós-graduação *strict sensu* somente 0,07% cursam mestrado e 0,03 % doutorado. O que significa dizer que

nossas docentes sobrepujaram as estatísticas que assentam a mulher negra a margem, portanto sem condições de galgar uma carreira profissional bem sucedida.

Durante a realização desse trabalho nosso intuito foi o de discorrer a respeito das carreiras das docentes negras que já terminaram a pós-graduação e hoje possuem o título de doutorado. Dessa forma fizemos um levantamento das produções acadêmicas científicas realizadas pelas docentes ao longo de suas trajetórias. Nos utilizaremos da Plataforma Lattes, na intenção de obter informações precisas a respeito de cada percurso.

O currículo Lattes, é um dos primeiros cartões de visitas, que delimita o perfil de atuação das áreas de interesse e experiências profissionais. Por se tratar de uma fotocópia de toda a vida profissional de um indivíduo, podemos também evidenciar através dos mesmos os caminhos e os descaminhos empreendidos ao longo dessa travessia (Euclides, 2017, 103).

A idéia é utilizar o Lattes como fundamento para obtenção de informações que identificamos durante a realização deste trabalho. A tabela a seguir traz subsídios importantes a respeito da trajetória das professoras entrevistadas.

Docentes	Graduação início /término	Ano de início e término do Mestrado	Ano de início e término do Doutorado	Ano de ingresso na universidade como professora efetiva
Aysha	1987 – 1992 Graduação em Letras.	1998 - 2001 Mestrado em Educação	2002 - 2006 Doutorado em Educação	2008 - Carga horária: 40 Horas. Regime de dedicação exclusiva
Aziza	1993 – 1997 Graduação em Ciências Sociais - Bacharelado.	1998 - 2000 Mestrado em Sociologia e Antropologia	2003 - 2008 Doutorado em Antropologia Social	

Ashanty	1999-2003 Graduada em letras.	2005-2007 Mestrado em Teoria da Literatura	2011-2015 Doutorado em estudos da linguagem	2008 - Carga Horária 40 Horas Regime dedicação exclusiva
Agbara	1964 – 1967 Graduação em Pedagogia.	1972 - 1978 Mestrado em Educação	1994 - 1998 Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolviment o Humano	1979 – horária: 40, Regime: Dedicação exclusiva.

Consideramos essas informações relevantes porque nem todas as docentes as quais entrevistamos tiveram a oportunidade de cursar graduação/mestrado /doutorado de forma linear, devido as dificuldades por elas enfrentadas. Das quatro docentes entrevistadas somente duas realizaram esse trajetória de forma seqüencial. Algumas vezes a dificuldade das mulheres em realizar seus estudos advêm da falta de oportunidade de encontrar um trabalho que lhes garanta uma remuneração. Mais para além disso esse ofício precisa afiançar também o tempo suficiente para que as mesmas possam dedicar-se aos estudos. Segundo as reflexões de Euclides (2017), além das questões relacionadas ao gênero, as demandas financeiras são um dos mais amplos impedimentos para que as mulheres dêem continuidade aos cursos.

Das quatro docentes entrevistadas nenhuma delas cursou graduação- mestrado- doutorado de forma ininterrupta, todas por algum motivo tiveram que descontinuar seus estudos em algum momento das suas carreiras. Outro dado que se faz relevante narrar aqui nesse trabalho é que nem todas as docentes ouvidas aqui tiveram a Educação como objetivo prioritário de suas carreiras. Uma delas realizou todos os cursos voltados para outra área das Ciências Humanas.

Todas as docentes integrantes da pesquisa, trabalham em universidades públicas em regime de dedicação exclusiva. Além disso todas as aqui ouvidas dedicam-se além do

trabalho em salas de aula, a projetos de pesquisa e extensão como também a orientação de alunos. Apenas uma das entrevistadas cursou doutorado já tendo filhos, o que pode haver dificultado seu acesso ao doutorado, por ser sozinha para cuidar dos filhos e já ser professora universitária na ocasião. Sobre as dificuldades em cursar o Doutorado Agbara discorre.

De fato cursar meu doutorado não foi nada fácil, na época eu já tinha dois meninos pequenos e já não tinha marido (risos), isso é claro que dificulta porque no doutorado você precisa se dedicar bastante mais para os filhos também né? Então tirei uma licença do trabalho, passava a manhã brincando e dando atenção aos meninos a tarde quando eles iam pra escola eu me dedicava ao doutorado, assim não falhava como mãe e nem como estudante pois esse era o meu medo. (Agbara. Entrevista realizada em 2018)

É interessante mencionar que a partir da análise do currículo lattes de nossas entrevistadas percebemos que apenas uma das mulheres ouvidas nesta pesquisa fizeram seu doutorado nos respectivos Estados de origem, as outras docentes optaram por deixar suas cidades rumo a outros lugares. Vale ressaltar que cursar mestrado e/ou doutorado não garante a nossas docentes negras uma real oportunidade de trabalho, podemos perceber que todas elas levaram um determinado período de tempo para se tornarem professoras universitárias. O que deixa claro que a obtenção de um diploma não lhes garante melhores condições de vida. No caso das nossas entrevistadas o ingresso se deu em média dois anos após o término do mestrado/doutorado. Assim como discorre nossa entrevistada (Ashanty):

Assim que terminei o mestrado comecei a estudar enlouquecidamente para concursos, na época utilizava boa parte do meu tempo estudando pra concurso, pois já havia saído da minha cidade e sobrevivia com aulas que dava, tantos nos cursos, como particulares, e isso ainda era muito pouco, por isso antes de tentar doutorado fiz concurso para professora. (Ashanty. Entrevista realizada em 2019)

Esse tipo de ajuste também ocorreu na vida de outras de nossas docentes. Até pela questão financeira, elas buscaram o quanto antes uma forma de garantir um emprego formal. Ao longo da realização das entrevistas, podemos analisar que todas buscaram a carreira superior na intenção de melhorar a qualidade de vida de suas famílias. Ao mesmo tempo, elas tinham o desejo, de como mulheres negras, provarem para si mesmas que eram capazes de galgar uma posição social mais satisfatória.

Docentes	Doutorado Fora do Estado/país de origem		Pós doutorado	
	Sim	Não	Sim	Não
Aisha		x	x	
Aziza	x		x	
Ashanty	x			x
Agbara	x			x

Um ponto importante da análise realizada nos lattes das entrevistadas é que duas delas realizaram o pós doutorado. Ashanty na entrevista disse que o pós doutorado é um sonho a ser realizado. Mas somente quando se estruturar financeiramente uma vez que ela teve que morar em outra cidade quando se tornou professora universitária. Já Agbara também manifestou o desejo pela realização do pós doutorado. Porém disse que por conta da idade e dos projetos de extensão comanda não acredita ser possível realizá-lo. É interessante pensar que boa parte das mulheres negras ainda encontram dificuldades de acessar os bancos universitários. Quando o fazem já estão “fora da idade” ou com uma “idade avançada”. Assim como coloca

Azeredo (2007) podemos perceber que a vivência das mulheres negras é completamente diferente das brancas. As primeiras ao longo da vida renunciam a diversas situações inclusive aos estudos, com o objetivo de auxiliar e muitas vezes se tornar a “espinha dorsal” de suas famílias.

Devido às condições econômicas da quase totalidade de nossas docentes, elas não puderam dedicar-se exclusivamente aos estudos. Dessa forma podemos observar que todas as docentes trabalharam enquanto realizavam o mestrado. O faziam formalmente, informalmente ou como bolsistas. Com relação aos programas de pós-graduação, nenhuma delas permaneceu no mesmo programa após o término do mestrado. Todas optaram por buscar novos locais para dar continuidade aos estudos.

Em seus escritos Euclides (2017) aponta que o número de professores negros que atuam no ensino superior é bastante diminuído se comparado aos professores brancos. Dessa forma as discussões com relação aos temas relacionados à raça acabavam por ter pouca visibilidade acadêmica, uma vez que são pouco discutidos. Podemos observar através das análises realizadas no Lattes que nem todas as professoras negras tinham a temática racial como ponto fundamental de suas pesquisas, e que somente optaram pelo tema períodos depois.

Mesmo estando em um país onde mais de cinquenta por cento da população é negra, ainda existe uma defasagem tanto educacional como social e política que impede a ascensão do negro às classes mais favorecidas Bentes(2011) Aos poucos fomos rompendo esses paradigmas e as mulheres foram galgando e ampliando seus espaços sociais. Foi a partir desses diversos movimentos e que elas começaram a protagonizar sua própria história. Mesmo com todos os avanços sociais e culturais, ainda hoje as mulheres são colocadas em uma posição de inferioridade por parte desta sociedade. A proposta desse capítulo foi a de entender a trajetória de professoras negras que atuam no ensino superior, bem como seu ingresso como docentes de instituições públicas, tendo o currículo lattes como base de dados.

Na sua trajetória as docentes negras enfrentaram situações adversas, inúmeras dificuldades, caminhos e descaminhos, mais todas elas se mantiveram no caminho e conseguiram chegar ao final da caminhada. Construíram suas carreiras e hoje compartilham saberes com os demais educandos que exprimem os mesmos

CONCLUSÃO

Os resultados obtidos a partir da análise realizada evidenciam que as professoras doutoras entrevistadas enfrentam inúmeras dificuldades para obterem ascensão profissional e social. As entrevistadas relatam, como suas trajetórias educacionais foram demarcadas pelo racismo e discriminação racial.

Dentro das instituições públicas as professoras doutoras com as quais conversamos enfrentam um tipo de racismo tão velado que segundo elas torna-se quase invisível. Desta forma, fica difícil tomar atitudes pertinentes para coibir a ação do mesmo. A cor preta da pele traz como marca para elas, a inferiorização que historicamente foi construída por uma sociedade branca e racista, que pratica esse ato até hoje. (Crisóstomo e Reigota, 2010). Por esse motivo, faz-se importante ressaltar que durante as entrevistas realizadas com as Professoras que colaboraram com nossa trabalho, todas relataram que são originárias de famílias humildes. Realizaram um esforço grandioso para terem acesso a educação superior. Além disso, elas colocaram também a relevância dos estudos como forma de ascenderem socialmente e buscar minimizar os efeitos do racismo.

Outro ponto relatado por elas, é a baixa escolaridade dos avós, pais e de outros parentes de geração antecedente, foram elementos importantes para que elas tomassem a decisão de obterem melhores condições de vida e trabalho através dos estudos. Além do que nossas entrevistadas observavam na escolarização formal uma maneira de reduzir o preconceito e discriminação sofrido no cotidiano.

Apenas uma das entrevistadas não tinha a escolarização como fator principal, para a melhora das condições social, cultural e econômica. Em contrapartida, essa entrevistada compreendia a escolarização como uma necessidade de atenuar os efeitos ocasionados pelo racismo e a discriminação racial, a qual nós negros estamos expostos. Assim, a educação tem um papel fundamental na trajetória das mulheres negras, pois somente através da busca pelo conhecimento e que elas conseguem transcender as questões sociais e chegar a carreira de docente superior.

Segundo Nogueira, Passos e Cruz (2013), apontam que visivelmente a mulher acaba sendo menos representativa que o homem na perspectiva do ambiente acadêmico. Acredito que seja importante mostrar que ser mulher principalmente negra na conjuntura em que

vivemos não é tarefa fácil, para tal, e necessário romper com as barreiras que nos são impostas pela sociedade e ir ao embate, ultrapassando toda e qualquer tipo de discriminação presentes no cotidiano.

Segundo os escritos de Munanga (2004) percebemos que existem negros que acham que são inferiores por natureza, acreditando que não precisam almejar ou ocupar postos mais altos de trabalho. Por esse motivo os ideais racistas vão se reproduzindo. Dessa forma criou então um padrão cultural onde se estabeleceu que homem branco é superior a mulher branca e que o homem negro é ainda superior a mulher negra deixando a mulher negra no nível mais baixo de uma escala de domínio baseada na cultura euro centrada.

Por mais que parte da população acredite que o Brasil não é mais um país onde impera o racismo, se olharmos de forma mais atenta perceberemos como a população negra foi e ainda é tratada, entenderemos que o racismo no Brasil está longe de chegar ao fim, assim como nos afirma Munanga (2004). Em nossa sociedade podemos dizer que é “natural” discriminar pessoas negras, isso acontece mesmo de forma quase “imperceptível”, (ou não) ver um homem negro dentro de um carro de luxo e imediatamente acusá-lo de ter roubado esse carro na nossa imaginação é “normal”, andar atrás de uma pessoa em determinada loja de departamento, desconfiando apenas da cor da sua pele, e “natural” a sociedade já aceitou essas e outras atitudes racistas como automáticas.

O fato é que a população negra brasileira, mesmo diante das diversas políticas públicas de combate ao racismo e discriminação que estão surgindo, ainda encontram-se muito à margem da sociedade tendo negados direitos fundamentais a vida, como saúde, Educação e moradia. Falar respeito dessa exclusão ainda é um tabu para muitas pessoas, mesmo sendo visíveis as condições adversas que muitas dessas famílias estão expostas. Esse assunto acaba sendo “proibido” em certos contextos, porque quanto mais se fala nas questões raciais, mas verificamos que as políticas que pregam a igualdade precisam ser modificadas ampliando o olhar de maneira mais abrangente para a população em questão. Sabemos que o Brasil é um país extremamente racista, saber da existência desse segregacionismo e tranqüilo, complexo mesmo e admitir ser um indivíduo racista.

Infelizmente a todo momento as mulheres negras, sua história, sua trajetória, é sua intelectualidade acabam sendo desmerecidas por conta de uma sociedade que privilegia o branco e inferioriza o negro. Que acredita que seja “estranho” encontrar dentro de uma

universidade inserida em um curso de pós-graduação uma professora, que tenha cursado o doutorado é que seja negra.

Nossas entrevistadas também discutiram a respeito da convivência em ambiente institucional, e ambas cada uma a seu modo concordam que: nós temos uma pseudo“ convivência com os professores brancos, alguns desconfiam da nossa competência, é outros não nos enxergam enquanto profissionais. O jeito e nos unirmos com os nossos é provar que nós apesar de todas as marcas negativas do passado, também somos seres construtores de conhecimento.

Outro aspecto que nossas entrevistadas concordaram unanimemente (cada uma discorrendo com suas palavras), e que o racismo institucional associado a ideologia de gênero permite que os mais abastados cultural e financeiramente tentem nos incapacitar pelo fato de sermos mulheres, negras, advindas de famílias menos privilegiadas. Contudo o que vimos até aqui, podemos perceber que o que nossas professoras viveram nada mais é que manifestação dessa segregação racial. Ainda discutindo com Silva (2013) ela afirma que as mulheres negras universitárias tem que estar em constante desenvolvimento e seu crescimento o deve ser ininterrupto em busca da escolarização sua e dos seus. Amenizar e reverter as manifestações racistas ministradas por alunos e professores é um desafio que essas professoras enfrentam diariamente.

O que esperamos haver apontado nesse texto e que apesar das dificuldades enfrentadas pelas mulheres, elas lutam para provar que são capazes de produzir conhecimento, e que esse é científico, pois se baseia em análises, pesquisas e estudos. Apesar dessa desconfiança com relação ao saber produzido por elas, sua participação em questões científicas vem chamando atenção de estudiosos do tema, isso porque os resultados obtidos têm sido importantes nos debates da construção das ciências sob a ótica de gênero

O racismo pode ser considerado uma patologia pelos danos que ele produz. Nossas entrevistadas concordam na integralidade, que o ele faz mais do que silenciar os indivíduos, ele paralisa, amedronta e isola aqueles que sofrem esse tipo de situação. Dessa maneira podemos constatar que o racismo institucional age para além das salas de aula de universidades, ele age de forma astuciosa em diferenciadas instituições na intenção de humilhar aqueles considerados inferiores.

O combate efetivo ao racismo e a discriminação racial, só vai ocorrer quando a sociedade admitir a existência do mesmo. Por conta dele, uma população que tem pouco ou nenhum acesso a educação, saúde e saneamento, e isso tudo acontece exclusivamente porque esses indivíduos têm a pele escura. Sem desfrutar dos mesmos privilégios que a população branca desfruta, o povo negro se tornou um grupo totalmente excluído onde a escassez de condições está presente a todo tempo.

Em decorrência das questões raciais em que nos deparamos, parte da população negra acredita ser inferior por conta da cor de sua pele, essa baixa estima que carregamos se manifesta pelas inúmeras negativas que recebemos dia após dia ao longo dos anos por uma sociedade que ainda imagina que negro é incapaz. . Dados do ministério da saúde traduzem em números como essa população ainda sofre com a questão do racismo e da discriminação racial que temos discutidos aqui.

A “chamada” democracia racial prega um convívio harmonioso entre brancos e negros, onde todos, independentes da etnia teriam as mesmas oportunidades de promoção social, educacional e profissional. O problema é que na realidade isso não acontece, eles ainda encontram diversas barreiras a serem quebradas para só assim minimizarem os efeitos dessa exclusão. Segundo Silva (2013) diversos são os institutos que vem apresentando dados referentes a desconstrução da chamada democracia racial no Brasil. Ela continua expondo esses dados esclarecem que a pobreza no Brasil é bem específica, ela tem cor, ela tem gênero, ela tem subemprego e desemprego.

Durante todo o processo de formação deste trabalho, buscaremos entender a respeito de como a mulher negra ainda hoje sofre com a opressão, não só as trazidas pela figura masculina que culturalmente sobrepõe a mulher ao seu domínio, contudo ponderaremos também a exploração que a mulher negra tem sofrido através de outros sujeitos opressores.

Ainda discutindo com Bentes (2011), é interessante pensar que mesmo quando o negro possui uma condição de vida mais abastada, ainda sim o mesmo sofre com a questão do racismo, isso nos faz perceber que o racismo está presente independente da classe social, ainda que a família possua uma condição social diferenciada, e uma família negra e como tal passa por diversas situações onde o racismo impera.

Nossas entrevistadas foram unânimes em discorrer com relação a essa perversa separação que ocorre entre pretos e brancos. Elas apontam que existe de um lado, os brancos

grupo dominador, nos dizendo que somos diferentes e que precisamos ser separados. De outro lado está a população negra, o grupo dominado, que ainda lutam para conquistar as mesmas oportunidades de acesso que os brancos.

A partir de tudo que foi visto aqui, acredito que a produção dessa pesquisa, tendo como protagonista as mulheres negras que conseguiram ingressar nos cursos de pós-graduação *stricto sensu* e chegaram a docência superior, certamente trará conhecimentos importantes sobre racismo e discriminação racial dentro do sistema educacional carioca.

No decorrer dessa pesquisa buscava-se explicações para diferentes questionamentos tais quais, como sucedeu-se a trajetória pessoal, educacional e profissional de cada uma das entrevistadas, se houve a influência da condição racial nas suas trajetórias. É quais foram as possíveis dificuldades encontradas para acessarem a universidade enquanto docentes da pós-graduação.

O preconceito e a discriminação de raça, juntamente com o de gênero faz com que as mulheres negras encontrem maior dificuldade em acessar e permanecer no campo das ciências. A seguir discutiremos um pouco mais a respeito da entrada e da permanência das mulheres nas ciências e como elas vem derrubando as barreiras impostas para que seus trabalhos como pesquisadoras sejam reconhecidos.

Vivemos em um mundo no qual a cultura androcêntrica administra as formas de comportamento dos indivíduos. Desta forma estamos culturalmente propensos a analisar as realizações masculinas como mais importantes que as femininas. Outra tendência é a de analisar que as concretizações relevantes são façanhas de homens e a descobrimento de que a uma mulher e inventora ou descobridora de uma nova ciência, comumente causa surpresa

Outro impedimento imposto à participação feminina na produção das ciências é a imagem do cientista (homem ser solitário) que suporta ficar o tempo todo impenetrável em seu laboratório, que não tem nenhuma vida social e nem familiar. A mulher tem uma visão diferente porque tem mais responsabilidade com a família e desta forma ser mulher e ao mesmo tempo ser cientista não representam uma tarefa fácil.

Embora ao longo da história ocidental, as mulheres estivessem presentes no mundo da produção de conhecimento suas carreiras foram e até hoje são marcadas pela inexistência e invisibilidade. As entrevistas realizadas com as professoras negras expõem sobre momentos em que lutaram (ainda lutam) para superar os preconceitos e para conquistar condições

melhores de vida e trabalho tendo a escolarização como fator principal. É imprescindível que tenhamos intelectuais negras explorando os processos históricos e políticos. Desbravando as ciências em suas pesquisas para decisivamente dizer “sou mulher, sou negra é faço ciência”. Se faz importante colocar aqui que só se espelha naquilo que se consegue visualizar. Assim precisamos observar nossas mulheres negras se tornando cientistas. Elas podem servir de inspiração para muitas jovens negras.

Interesse é que se perceba que o racismo ainda é tão grande que durante a vida escolar quase não nos deparamos com professores negros, principalmente nos níveis mais “altos”, como ensino médio, graduação e pós-graduação, e como se nesses espaços não houvesse lugar para nós. Da mesma forma a invisibilidade das professoras Doutoras negras que atuam nos cursos de pós graduação, e imensamente grande, uma vez que em todo o estado do Rio de Janeiro temos pouquíssimas profissionais negras atuantes na área. Isso mostra com certa clareza que a academia ainda é um reduto social freqüentado por pessoas brancas e do sexo masculino. Existe um sistema social bem organizado e estruturado que consiste em colocar em uma posição de superioridade absoluta as pessoas de etnia branca, e em uma patamar de inferioridade irrestrita as pessoas de etnia e negra.

Os marcadores históricos prestados nas narrativas das professoras nos consentem situar o que denominamos de trajetórias de ascensão social de docentes negras em um marco cronológico que se desenvolve até o tempo presente. Dessa maneira, os caminhos que abordamos neste estudo ocasionam não somente a marca da supressão racial na sociedade mas os marcadores sociais que promovem uma distinção nos exemplos de ascensão social de pessoas negras em diferentes ambientes.

BIBLIOGRAFIA

AZERÊDO, Sandra. Teorizando sobre gênero e relações raciais. Estudos Feministas. Rio de Janeiro, nº Especial. p. 203-216. 1994. Disponível em:
<<http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/08112009-064854azeredo.pdf>> Acesso em: 15/04/2015.

BOURDIEU, Pierre. Escritos de Educação. Petrópolis: Vozes, 1995.

BOURDIEU, Pierre. É possível um ato desinteressado? In: Razões práticas: sobre a teoria da ação. Campinas: Papyrus, 1996. p. 137-156.

BERNARDO, Terezinha. Memória em branco e negro: um olhar sobre São Paulo. São Paulo: Educ, 1998.

Cadernos Pagu (UNICAMP), Campinas, p. 67-82, 1996.

CARNEIRO; Sueli. mulheres em movimento; Enegrecendo o feminismo. 2002.

CARVALHO, Maria Gomes de; CASAGRANDE, Lindomar Salete: Mulheres e Ciências: Desafio e Conquistas; Revista Internacional Interdisciplinar, 2011

CARVALHO, José Jorge de. O Confinamento racial do mundo acadêmico brasileiro. Revista USP, São Paulo, n. 68, p. 88-103, 2005.

CITELI, Maria Teresa. Mulheres nas ciências: mapeando campos de estudo. Cadernos Pagu, Campinas, n.15, p.39- 75. 2000. Disponível em:
<<http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CB4QFjAA>>

COSTA PINTO, Luiz de Aguiar. O negro no Rio de Janeiro. São Carlos: Nacional, 1953.

CRISÓSTOMO, M.A.S; REIGOTA, M.A.S. Professoras Universitárias Negras: trajetórias e narrativas. Revista da Avaliação da Educação Superior. Campinas: Sorocaba, SP. v.15. n.2., p.93-106, jul.2010.

DA SILVA, Joselina. Doutoradas professoras negras: o que nos dizem os indicadores oficiais - doi: 10.5007/2175-795X. 2010 v28n1p19. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 28, n. 1, p. 19-36, jun. 2011. ISSN 2175-795X. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2010v28n1>>

DA SILVA, Joselina, EUCLIDES, Maria Simone. *História de vida e Superação: Semelhanças e Ambigüidades nos Caminhos Profissionais de docentes Negras*. Dossiê Temático: Gênero e Diversidade. 2017.

DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS – DIEESE. *Transformações recentes no perfil do docente das escolas estaduais e municipais de educação básica: uma análise a partir dos dados da Pnad*. Nota Técnica, Brasília, n. 141, out. 2014. Disponível em: . Acesso em: 12 jul. 2014.

Dossiê mulheres negras : um retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil / organizadoras: Mariana Mazzini Marcondes ... [et al.].- Brasília : Ipea, 2013.

EUCLIDES, Maria Simone. *Mulheres negras Doutoradas e professoras universitárias: Desafios e Conquistas*. Universidade Federal do Ceará.

GONZALEZ; Lélia: *Racismo e Sexismo na cultura brasileira* p19>. Acesso em: 09 marc. 2015.

GOMES, Nilma Nilo, *Intelectuais Negros e Produção de Conhecimento: Algumas Reflexões Sobre a Realidade Brasileira*. In *Epistemologia do Sul*, 2009. GOMES, Nilma Lino. *Educação: raça e gênero: relações imersas na alteridade*. GOMES, Nilma Lino. *Intelectuais negros e produção do conhecimento: algumas reflexões sobre a realidade brasileira*. In: SANTOS, Boaventura Souza; MENESES, Maria Paula (Org.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2009. p. 420-441

GOMES, Nilma Lino. *Diversidade étnico-racial e educação no contexto brasileiro*. In: GOMES, Nilma Lino (Org.). *Um olhar além das fronteiras: educação e relações raciais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. v. 1, p. 97-109.

GOMES, Nilma Lino. *Educação e relações raciais: refletindo sobre algumas estratégias de atuação*. In: MUNANGA, Kabengele. *Superando o racismo na escola*. Brasília:

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Raça e pobreza no Brasil – a rationale dos estudos de desigualdade racial. In: DURHAN, Eunice Ribeiro; BORI, Carolina. O negro no ensino superior. São Paulo: USP/Nupes, 2003. v. 1, p. 3-15

HASENBALG, Carlos A. Discriminação e Desigualdades Sociais no Brasil. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

HASENBALG, Carlos. Discriminação e desigualdades raciais no Brasil. Rio de Janeiro Graal, 1979.

KALY, Alain Pascal, O Ser Preto Africano no Paraíso Terrestre Brasileiro: Um sociólogo Senegalês no Brasil. In Lusotopie, 2001. LABORNE, Ana Amélia de Paula. IDENTIDADE RACIAL E TRAJETÓRIAS DE DOCENTES DO ENSINO SUPERIOR. 35ª Reunião da Anped. GT 21. Educação e Relações étnico raciais. Porto de Galinhas: 2012. Disponível em: http://35reuniao.anped.org.br/images/stories/trabalhos/GT21%20Trabalhos/GT21-1602_int.pdf Acesso em 10 de mar. de 2015

LOPEZ, Laura Cecília, O Conceito de Racismo Institucional: Aplicações no Campo da Saúde. In Interface comunicação , saúde, educação, v.16 2012.

Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 1999. p. 143- 154.

MOREIRA, Nilvaci Leite de Magalhães. MULHERES NEGRAS PROFESSORAS: DAS BARREIRAS RACIAIS A ASCENSÃO SOCIAL. Revista Encontro de Pesquisa em Educação, Uberaba, v.1, n.1, p.1.2013 Disponível em: <http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=4&ved=0CDYQFjAD&url=http%3A%2F%2Frevistas.uniube.br%2Findex.php%2Fanaais%2Farticle%2Fdownload%2F747%2F1044&ei=DBxOVdi-CYHRgwTYyIH4BQ&usg=AFQjCNEVceyNRLdzGKywwSAIrJpZeKBdJg&sig2=fZbPAfaxgt4aFZCRhyv24A&bvm=bv.92885102,d.eXY>.

MULLER, Maria Lúcia Rodrigues. Professoras negras na Primeira República. In Oliveira, Iolanda de. Cadernos PENESB, Relações Raciais e Educação: alguns determinantes. Niterói: intertexto, 1999.

MÜLLER, Maria Lúcia Rodrigues. Professoras negras no Rio de Janeiro: história de um branqueamento. In: OLIVEIRA, Iolanda de (Org.). Relações raciais e educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

MUNANGA, Kabenguele : Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia.

MUNANGA, Kabenguele : A difícil tarefa de definir quem é negro no Brasil.

NASCIMENTO, Abdias. O Brasil na mira do pan-africanismo. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais/Edufba, 2002.

NOGUEIRA, Oracy. Relações raciais entre brancos e negros em São Paulo. Revista Anambi, ano 18, n. 53, p. 279-299, 1955.

NASCIMENTO, Abdias. O Brasil na mira do pan-africanismo. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais/Edufba, 2002.

OLIVEIRA, Iolanda de; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e (Org.). Identidade negra: pesquisas sobre o negro e a educação no Brasil. Rio de Janeiro: ANPEd, 2003.

OLIVEIRA, Iolanda de.: relações Raciais e educação: Alguns determinantes. Niterói: Intertexto, 1998.

<&url=http%3A%2F%2Fwww.bibliotecadigital.unicamp.br%2Fdocument%2F%3Fdown%3D51341&ei=sjxOVbvcNIq7ggTEsoHICw&usg=AFQjCNFgCzGu78O> Acesso em 10 de fev. de 2015.

OLIVEIRA, Iolanda de: Espaço Docente, Representações e Trajetórias. Caderno PENESB, Cor e Magistério. Niterói: 2006.

O Negro no Mundo dos Brancos. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.

PENA, S. D. J.: Razões para banir o conceito de raça da medicina brasileira. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, v. 12, n. 1, maio-ago. 2005.

PIRES, Mara Fernanda Chiari. Docentes negros na universidade pública brasileira. Campinas: Unicamp, 2014.

REIS, Maria Clareth Gonçalves, Mulheres Negras e Professoras no Ensino Superior – As Histórias de Vida que as Constituíram. Idade In Banco de Dissertações Universidade Federal Fluminense. 2008.

RIBEIRO, Maria Solange Pereira. O romper do silêncio: história e memória na trajetória escolar e profissional dos docentes afrodescendentes das universidades públicas do estado de São Paulo. 2001.. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

SAFFIOTI, Heleieth I.B, Contribuições Feministas Para Contribuição de Estudos de Gênero; Cadernos Pagu, 2001.

SAMPAIO, E. O. Racismo institucional: desenvolvimento social e políticas públicas de caráter afirmativo no Brasil. Interações – revista internacional de desenvolvimento local, v. 4, n. 6, p. 77-83, 2003

SANTANA, Patrícia: Professoras negras: Trajetórias e Travessias. Editora Maza. Segunda edição. 2011

SANTOS, Sales Augustos dos, De militantes negros a Negros intelectuais.In; VI Congresso Português de Sociologia. Mundos Sociais: Saberes e Práticas. 2008.

SILVA, J. et al. A promoção a igualdade racial em 2006 e o Programa de Combate ao Racismo Institucional. In: JACCOUD, L. (Org.). A construção de uma política de promoção da igualdade racial: uma análise dos últimos vinte anos. Brasília: Ipea, 2009. p. 147-170.

SILVA, Maria Nilza da; A mulher negra, 2010, revista espaço acadêmico

SILVA, Maria Nilza da. Mulheres negras: o preço de uma trajetória de sucesso. PUC/SP, Dissertação Mestrado, 1999.

SOUZA, Arivaldo Santos, Racismo Institucional : Para Compreender o Conceito. In Revista da ABPN vol.1 N. 3 2011.

TEIXEIRA, Moema Poli. A presença negra no Magistério: Aspectos Quantitativos. In

WERNECK, Jurema Racismo institucional e Saúde da Mulher negra In. Saúde Soc. São Paulo, v.25, n.3, p.535-549, 2016.

ANEXOS

Alguns indicadores do Racismo Institucional:

- “Segundo a PNAD de 2008, 40,9% das mulheres pretas e pardas acima de 40 anos de idade jamais haviam realizado mamografia em suas vidas, frente a 26,4% das brancas na mesma situação” (Paixão et al., 2011: 19).
- Ainda segundo a PNAD de 2008, das mulheres acima de 25 anos de idade, 18,1% das mulheres negras e 13,2% das brancas jamais havia realizado o exame de Papanicolau.
- A taxa de mortalidade maternal entre as mulheres negras, em 2007, era 65,1% superior à das mulheres brancas.
- De acordo com a PNAD de 2009, a distorção idade-série no ensino fundamental atingia a 22,7% da população negra, contra 12,4% da população branca.
- Já no ensino médio, a taxa de distorção era de 36,6% para a população negra e de 24% para a população branca.
- “Considerando o país como um todo, o número de homicídios brancos caiu de 18.867 em 2002, para 14.047 em 2010, o que representa uma queda de 25,5% nesses oito anos. Já os homicídios negros tiveram forte incremento: passam de 26.952 para 34.983: aumento de 29,8%” (Weiselfisz, 2012: 14) (Guia do Racismo institucional pág. 13)

Ainda segundo os dados do IBGE : A pesquisa relacionada ao perfil racial e de gênero foram pesquisadas as 500 Maiores Empresas do Brasil e como essas atuam para eliminar/suavizar, o racismo e a discriminação dentro do ambiente corporativo. O Instituto Ethos e IBGE (2010) revela que nos quadros funcionais e de chefias intermediárias, os negros ocupam, respectivamente, 31,1% e 25,6% dos cargos. Na gerência, são 13,2% e na diretoria, 5,3%. A situação da mulher negra é pior: ela fica com 9,3% dos cargos da base e de 0,5% do topo. Em números absolutos, significa dizer que, no universo que as empresas informaram, de 119 diretoras e 1.162 diretores de ambos os sexos, negros e não negros, apenas seis são mulheres negras.

Roteiro de entrevistas

Informações Pessoais:

Inicialmente desejo agradecer-lhe por se disponibilizar a colaborar com nossa pesquisa.

Qual seu nome?:

Qual a Cidade em que nasceu?

Em que ano nasceu?

Qual seu Estado civil?

Você tem filhos? Quantos?

Qual sua idade?

Com relação a cor/etnia, você se considera (de acordo com IBGE).

1) Preta

2) Branca

3) Indígena

4) Parda

5) Amarela

6) prefere Não

declarar

Informações Relacionadas a Família

Qual o Grau de escolaridade de seus pais?/

Existem outros(as) professores (as) em sua família ?

Você tem irmãos (ãs)? Quantos (as)?

Quantos dos seus (suas)irmãos (as) tem curso universitário?

Informações profissionais?

Qual seu curso na graduação?

Qual seu curso no mestrado?

Qual seu curso no doutorado?

Qual seu pós doutorado?

Em que Cargo você atua?

Qual foi seu primeiro emprego e com quantos anos?

Quando ingressou em um curso universitário?

Quantos anos demorou para concluir?

Quais os desafios encontrados no percurso da graduação?

Quanto tempo após a graduação você ingressou na pós?

O que te levou a ingressar na pós graduação?

Quais os desafios encontrados nesse percurso?

Após o mestrado quanto tempo levou para ingressar no Doutorado?

O que fez após o doutorado?

Quanto tempo levou para ingressar na universidade como professora ?

Como foi esse ingresso?

Há quanto tempo é professora universitária, na universidade pública ?

Você foi professora em universidade privada? Por quanto tempo?

Para você como mulher (negra) como é enquanto profissional estar inserida em curso de pós graduação em educação?

Como tem sido essa experiência?

Sofreu algum tipo de discriminação?

Nesse programa já ocupou algum cargo de chefia?

Se sim, como foi a experiência?

Se não, quais os motivos?

Em algum momento, na sua carreira dentro do programa de pós graduação você sofreu algum tipo de preconceito ? Qual?

Você já sofreu preconceito algum tipo de preconceito no com trato colegas de trabalho? Qual?

, Você já sofreu preconceito algum tipo de preconceito () a realização de trabalhos acadêmicos (publicações,) Qual?

(Retira) liderança em grupos de pesquisas e Afins) ?

Você já experimentou alguma situação de racismo advinda de alunos contra você? Qual?

Algo mais que você deseje complementar?

Agradeço imensamente sua atenção e colaboração com nossa pesquisa.